

O NEGRO E O FUTEBOL BRASILEIRO

por

ROBERTO MARCHON LEMOS DE MOURA
área de sistemas de comunicação

Dissertação de mestrado apresentada à Comissão de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Professor Orientador: Doutor
Emmanuel Carneiro Leão

Rio de Janeiro, 2º semestre de 1978.

T
145

S I N O P S E

O trabalho dividido em duas partes, inicialmente a companhia o desenvolvimento do esporte até a instituição do regime profissional em 33, não analisando o futebol em si, como linguagem esportiva ^{OU} corporal, mas sim as funções e significados que assume em relação às condições históricas em que ocorre sua prática, contribuindo para a criação de padrões de vida nacional e de um complexo sistema de comunicação interracial e entre classes.

Em sua segunda parte, abordando o desenvolvimento do futebol brasileiro moderno, são tematizados, o clube e a organização esportiva, o estádio, a imprensa esportiva, o torcedor, o jogador e o nacionalismo esportivo, permanecendo a presença do negro, que com o profissionalismo passa a ser visto como expressão simbólica máxima do futebol brasileiro e origem de todos seus males e virtudes, como pano de fundo.

O desenvolvimento do futebol e do complexo sistema que gera em sua volta, relacionado à necessidade de acomodação de elementos contraditórios de nossa formação social e cultural. As possibilidades de apropriação ideológica do futebol como fenômeno social, produzindo enunciados corroborando representações vigentes na sociedade brasileira, justificando sua manutenção e promovendo sua reprodução. O futebol como indicador de ^{UM TIPO DE} ~~uma~~ democracia racial e social.

S U M Á R I O

	Página
INTRODUÇÃO.....	4
PARTE I: <u>O NEGRO E O FUTEBOL BRASILEIRO</u>	8
1. A Difusão do Esporte e a Introdução do Futebol no Brasil.....	8
2. A Situação do Negro depois da Abolição...	14
3. Os Primeiros Encontros Entre o Negro e o Branco Possibilitados pelo Futebol.....	17
4. Os Primeiros Negros nas Equipes Aristocráticas.....	21
5. Popularização e Crise.....	29
6. As Primeiras Vitórias de Equipes Negras..	35
7. Os Últimos Tempos do Amadorismo.....	43
8. O Profissionalismo e o Pacto Racial.....	53
PARTE II: <u>O FUTEBOL BRASILEIRO E O NEGRO</u>	64
1. O Estádio.....	64
2. O Futebol e a Vida, o Torcedor.....	70
3. Nacionalismo Esportivo.....	76
4. Organização do Futebol, o Cartola.....	82
5. Imprensa Esportiva.....	97
6. O Jogador.....	103
CONCLUSÃO.....	119
BIBLIOGRAFIA.....	120
NOTAS.....	122

I N T R O D U Ç Ã O

O Brasil descoberto por Cabral e inventado pelo Império, se prepara com a República para o processo de montar e expandir uma economia capitalista dependente, através da implantação da democracia burguesa, controlada política e administrativamente pelas elites nativas, justificadas pelo arsenal ideológico e utópico da burguesia européia. Os modelos econômicos transplantados e absorvidos, e a modernização da estrutura agrária com a introdução do trabalho livre, não visando provocar um desenvolvimento interno análogo ao das economias centrais, mas sim, manter e intensificar a incorporação dependente no sistema capitalista internacional, tem como contrapartida superestrutural ~~a~~ introdução da democracia liberal de concepção elitista no Brasil. Já ^{obsoleta} ~~completa~~ na Europa pelas conquistas políticas das massas e pela constituição dos partidos operários ainda no século XIX, forçando as classes dominantes a ampliar as bases do sistema político, essa versão elitista da democracia burguesa teria ainda aqui aplicabilidade, numa de suas versões tropicais mais complexas e duradouras. Assim, o transplante das instituições jurídico-políticas produzidas pelo liberalismo europeu para o contexto brasileiro, diverso daquele que as produziu, e que as transforma e sublima num processo específico e particular, caracteriza o momento de introdução da civilização ocidental moderna no Brasil, se desagregando o regime escravocrata-senhorial, e se formalizando com a República uma sociedade dividida não mais

em castas, mas em classes.

A burguesia nacional não lideraria, como no processo político europeu, uma revolução nacional democratizante, uma vez que optando pelo capitalismo dependente como caminho para a manutenção de sua hegemonia, se constituiria numa classe consular, fechando o espaço político nacional e se apropriando do Estado como sua área natural de operação e expansão. Sua própria formação como classe tem características locais próprias, situando-se as oligarquias rurais no próprio cerne da transformação capitalista, associando-se e, as vezes mesmo se confundindo com os setores comercial, financeiro e industrial, que se desenvolvem inicialmente como especializações funcionais necessárias ao sistema produtivo agrário-exportador, dando origem às facções mais modernas e urbanas da burguesia nacional.

As classes populares tanto rurais como urbanas, são inicialmente, em sua maior parte, marginalizadas do mercado de trabalho e do processo político, preteridas pelo imigrante europeu, vivendo expostas a duras condições de sobrevivência e a falta de garantias sociais. Os contingentes negros desmobilizados e estigmatizados pela abolição oficial, enfrentam a situação anômica ^{com o fim} transplantada do cativo, passando por um lento processo de reorganização e de encontro com as demais classes destituídas: o processo de formação de uma democracia racial na miséria com suas formas de coesão grupal e dinâmica social próprias, sob a hegemonia da tradição civilizatória do negro, historicizada por sua aventura brasileira.

ENTÃO... BURGUESA NACIONAL NO CONVÍCIO BURTES N KOTU
E SPANOS / OIT- ABOLINDO MONTANHO COM
SUA... INDEPENDENTE... BUR. SEQUINTE

O futebol reinventado em sua versão moderna na Inglaterra, e já no fim do século XIX superada sua fase aristocrática, se popularizando nas classes médias e no operariado inglês, chega ao Brasil trazido pelos membros das companhias inglesas que se instalam no início de nosso processo industrial-urbano, servindo em seus primeiros tempos como instrumento de discriminação e diferenciação social, atendendo aos desejos recíprocos de integração desses recém-chegados com a aristocracia e a burguesia nacional. Esporte de elite tanto no palco (no campo) quanto na platéia, o futebol se torna inicialmente foco de manifestações racistas na sociedade brasileira, sendo preservada em suas formas organizatórias primeiras a participação exclusiva do branco das classes superiores, e, em virtude tanto do seu sucesso e desenvolvimento, quanto da fragilidade do sistema cultural nacional, visto como expressão típica da nacionalidade.

Em virtude da atração que exerce também no negro e nos demais membros das classes populares, que impõem progressivamente sua presença nos campos aristocráticos, o futebol passa a se constituir num primeiro espaço de reencontro inter-racial na sociedade brasileira, onde negros e brancos passam a se opor e depois a vestir a mesma camisa, em condições de relativa igualdade, exigindo que se criem novos mecanismos sociais e códigos culturais para essa situação inusitada. O futebol seria uma das principais formas de ascensão individualizada de negros, que com seu sucesso afirmam ^{TAMBÉM} sua raça e sua classe social, situação que é ^{CAPITALIZADA} retraduzida pelas classes domi-

nantes, uma vez formalizado o profissionalismo, como um dos principais argumentos à idéia da "democracia racial brasileira", parte menor ^{BRASILEIRO} mais decisiva do mito maior/de uma sociedade aberta e democrática.

VER ANOTAÇÃO SOBRE
A INTRODUÇÃO NO BLOCO

PORTE I: O NEGRO E O FUTEBOL BRASILEIRO

1 - A DIFUSÃO DO ESPORTE E A INTRODUÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

A preponderância durante a Primeira República do capitalismo inglês no Brasil, se estendendo até depois da Primeira Guerra Mundial, só então perdendo a hegemonia para os Estados Unidos, determinaria uma grande influência cultural da Inglaterra em nossas elites nativas, identificadas que estavam com seus interesses econômicos a ponto de ser difícil distinguí-los. Monopolizando vasto ramo de atividades econômicas através de sua disponibilidade de capitais e de seu desenvolvimento tecnológico, companhias inglesas se instalariam principalmente no Rio e em S. Paulo trazendo engenheiros e técnicos para sua organização e funcionamento, formando uma colônia relativamente numerosa, que, apesar de ter sua origem social nos setores médios da sociedade inglesa, passa a conviver e a influenciar a aristocracia brasileira urbana de início de século, que, em sua vocação mimética herdada do processo colonial, adotaria não só seus modelos econômicos mas seus valores e formas de comportamento traduzidos e funcionalizados a sua realidade de classe na sociedade brasileira.

O esporte, em sua concepção moderna, se liga a esta

e funcionários das companhias inglesas, e com os filhos de nossa aristocracia mandados estudar na Europa, era um produto cultural de um povo com uma formação histórica característica, já em meio de uma longa e sedimentada evolução burguesa, marcado pela estabilidade econômica e colonial. Introduzido aqui pelos pioneiros Charles Miller e Oscar Cox, com suas regras específicas para situações de jogo e modos determinados de conduta esportiva, o futebol difundia valores disciplinares e mecanismos de controle emocional produzidos pela experiência civilizatória do inglês da Revolução Industrial, "uma nova raça de homens ultrasensíveis ao dinheiro e ao lado social e político da vida, mas completamente morta para tudo que fosse espontâneo e intuitivo".¹

Já em 1882, Rui Barbosa como relator da comissão estadual de ensino salientava a necessidade dos exercícios físicos nas escolas primárias, não sendo porém ouvido. Entretanto, no início do século, a difusão das ideologias esportivas européias, com seus mitos de supremacia racial e civilizatória, passavam a encontrar eco nas classes superiores urbanas. O editorial "Pelo Sport", publicado no jornal "Brasil Esportivo", em 14 de novembro de 1902, resume notavelmente essas idéias: "O movimento esportivo tem se acelerado ultimamente de um modo assombroso. As sociedades de corrida de todo gênero se multiplicam em todos os países civilizados, como uma demonstração irrecusável de sua extraordinária pujança e seria fechar os olhos à evidência ou dar provas lamentáveis de má fé ou de teimosia ridícula não reconhecer que a educação mo-

derna que se finge organizar em moldes sólidos e duradouros
 deve incluir o sport, como um de seus elementos de ^Xsucesso.
 As raças do Norte da Europa tem-se distinguido sobre as raças
 do sul pelo vigor e energia desenvolvidos no cultivo do sport.
 Ninguém desconhece os evidentes progressos que os ^Zinglês
 têm feito nesta matéria, fornecendo assim a arte as condi-
 ções admiráveis da raça, no seu desenvolvimento ^{PHX}físico, aliás
 tão digno de nota. // Os cuidados que merece ao louro filho da
 fria Albion o corpo de sua natureza, desenvolvido e musculoso
 se demonstrando nos menores ^Catos de sua vida diária; mas em
 compensação proporcionam-lhes admiráveis condições de lutador
 e esplêndidos elementos de adaptação aos mais variados climas
 e aos mais insuportáveis meios ^{PHX}físicos ^Mcomumente hostís a ou-
 tros ^Xtipos menos resistentes. // Em vista de semelhantes consi-
 derações que estão a saltar aos olhos de todos, pela força da
 própria evidência seria, como já dissemos, a mais imperdoável
 das teimosias nos trabalhos para incluir em todos os program-
^{MPT}mas de educação o sport como seguro e completo prêmio de tri-
 unfo. Estas considerações que aqui expomos, talvez ^{REVELAM}apenas o
 desejo que temos de que o nosso país ^Znão fique, na matéria, em
 lamentável ^Zatraso em relação a tantos outros".

O futebol democratizado na Inglaterra, seria aqui
 jogado pelos membros da burguesia e da aristocracia nativa,
 em seu desejo de integração com os estrangeiros recém-chega-
 dos, servindo aqui como instrumento de discriminação e dife-
 renciação social em relação às classes populares e às etnias
 consideradas inferiores. Os primeiros campos de futebol com

dependências para espectadores são construídos e frequentados por cavalheiros e damas da alta sociedade que se encantam com a exibição de elegância e virilidade oferecida pelos jogadores daquele esporte aristocrático e enobrecedor. Além da barreira para as classes inferiores já constituída pelos gastos que importavam em participar da roda dos jogadores de futebol, exigindo uma boa renda, um bom salário, ou uma boa mesada, a Federação Metropolitana, criada no Rio, em seu regulamento proibia a participação de "trabalhadores braçais, empregados subalternos, contínuos, garçons, barbeiros, praças de pré, etc.", garantindo ^{o jogo} que o esporte se mantivesse como privilégio dos estrangeiros e das classes abastadas. O inglês logo se constitui no idioma oficial do jogo, indispensável não só aos jogadores mas a todos que pretendessem uma compreensão perfeita do andamento dos matches.

A fragilidade do sistema cultural nacional, típica dos países subdesenvolvidos, onde a tradição popular é dificultada em sua reprodução pelo próprio cotidiano brutalizado das classes inferiores, enquanto as superiores se encontram numa situação colonizada, importando valores, hábitos e modismos das metrópoles, facilita a rápida assimilação do futebol, logo visto como expressão da própria nacionalidade brasileira, e da equivalência entre os filhos da burguesia nacional e o europeu. Sob o pseudônimo de Hélio Bruma, Monteiro Lobato publica em 1905 dois artigos no jornal "O Povo" sobre a vitória do Paulistano no campeonato paulista. Depois de um hino às qualidades educativas do futebol no sentido físico e moral

que haviam contribuído para a superioridade das nações anglo-saxônicas, Lobato se ufana dos "filhos da raça neo-latina" tarefa conseguido se medir no campo com os "louros filhos de Albion" que viviam em S. Paulo, "netos de bandeirantes cobraram ânimo ousadamente ante os ingleses fundando o jogo nativo com uma fúria quase assustadora nesse país de bananas". A constituição dos times finalistas opondo "paulistas de quatrocentos anos" aos ingleses, seria expressão de uma "seleção natural para a taça de ouro do campeonato", preparando aqueles jovens brasileiros para o "steeple-chase na struggle-for-life". Percebendo as potencialidades políticas do esporte Lobato finaliza afirmando que o jogador do Paulistano vitorioso "é socialmente mais importante do que todos os deputados estaduais e federais somados, multiplicados e elevados à sétima potência".

Porém, por cima dos muros ou do alto dos morros, o jogo é acompanhado por meninos e rapazes das classes populares que se encantam com a movimentação das partidas e com a habilidade dos jogadores. As bolas chutadas fora do campo são devolvidas depois de timidamente experimentadas pelos moleques que passam a cercar os campos aristocráticos. Bolas são improvisadas com trapos ou meias cheias de papel picado, e as peladas se organizam nos terreiros baldios repletos de meninos sem escola e de homens, principalmente negros, sem trabalho.

2 - A SITUAÇÃO DO NEGRO DEPOIS DA ABOLIÇÃO

O abolicionismo como ideologia, correspondia a uma forma de compromisso entre interesses e ideais divergentes. Se por um lado afirmava valores humanitários e anti-racistas, principalmente das novas camadas médias urbanas impregnadas pelo liberalismo europeu, por outro, refletia os problemas das oligarquias com mão de obra, correspondendo a seus interesses na instauração do sistema de trabalho livre imposto pelo desenvolvimento do processo capitalista. Dessa forma, a democratização da renda, do poder e do prestígio, e a reestruturação do sistema da propriedade da terra, não se seguem a libertação social, ficando apenas nas preocupações de idealistas sem poder político efetivo, nem sendo redefinidas socialmente as representações na sociedade nacional sobre o negro. A Abolição, desta forma, não se confunde com a "luta de libertação do negro na sociedade brasileira", que se inicia desde a chegada dos primeiros negreiros, com tentativas de reorganização e resistência dos negros, perdurando até hoje, já que o negro permanece ocupando posições inferiores na sociedade brasileira. A Abolição é "coisa de branco", norteada por seus valores e objetivos, dizendo respeito estritamente a seus problemas econômico-sociais, sem se constituir numa vantagem efetiva para o negro violentado por anos de cativeiro, a não ser em seus efeitos secundários que vão ser explorados pelo liberto ao longo de nosso desenvolvimento histórico.

Assim a universalização do trabalho livre e a re-

organização do sistema de produção, gerando novas oportunidades econômicas com a intensificação do desenvolvimento urbano-industrial e a expansão agrícola, não são mobilizados em favor do negro recém-libertado, na visão das classes dominantes incapaz de arcar com as novas responsabilidades vindas com a reordenação da ordem social, sendo assim preterido pelo emigrante facilmente recrutado numa Europa super-povoada e em crise. É claro que o negro vindo da vida opressiva e caótica nas senzalas não estava preparado para ocupar os papéis sócio-econômicos do trabalhador livre, sendo necessária uma política de adaptação que lhe oferecesse não só treino técnico, mas condições que o aparelhassem psicologicamente para as expectativas de mentalidade e de auto-disciplina impostas ao ag salariado.

A imigração não vinha resolver a falta de mão-de-obra, já que esta era abundante, se justificando não só nas vantagens técnicas dos europeus já proletarizados, mas nas ideologias de superioridade racial vigentes principalmente nas camadas superiores, que ansiavam pelo emigrante como agente civilizador e regenerador de nossas práticas de trabalho. Extensas massas de trabalhadores nacionais passam a viver dentro das cidades sem condições de penetrar no mercado de trabalho e de sustentar suas regras, dispersos por ^b Bairros distantes ou nos guetos que se formam nos morros, funcionando como um exército proletário de reserva criado deliberadamente pela política oficial e privada de imigração, exercendo efeitos depressivos sobre as condições de trabalho.

Não dominando as técnicas sociais de uma sociedade competitiva, e sem as tradições proletárias do emigrante europeu, que é protegido não só pelas leis internacionais e por seus consulados mas pela própria cor branca de sua pele, o negro é abandonado à sua própria sorte. Ainda bêbado com a "liberdade" concedida, que o leva a ter comportamentos catárticos sem consistência social, e ainda partilhando dos valores escravagistas legados pela ordem senhorial, que o faz preferir a miséria e a ociosidade à desqualificação pessoal imposta pelo trabalho braçal, o negro é relegado à margem da sociedade, desvinculado tanto do processo produtivo quanto do fluxo social da nação.

No interior, enquanto as áreas que atingiram seu climax econômico no período colonial oferecem ainda algumas possibilidades adaptativas à população negra e mulata, as áreas afetadas pela modernização súbita advindas da implantação da empresa capitalista no campo, como sucede no Rio e São Paulo principalmente, os repelem inflexivelmente com a política de importação de trabalhadores rurais, os forçando ou a retornar a suas regiões de origem no norte ou em Minas, vendidos que foram pelos senhores decadentes no último período da escravatura, ou a aceitar condições de vida extremamente duras.

Principalmente nas cidades, há uma separação no convívio entre brancos e negros que passam a não mais se encontrarem em nenhum setor da vida social. Marginalizado o liberto do mercado de trabalho, só a negra que se engaja nas for-

mas de sub-emprego que se tornariam tradicionais na vida urbana, se encontra como criada com a família branca, onde, apesar dos costumes patriarcais ainda ~~contaminarem~~ ^{PERDURAREM NA} a nova ordem, as relações são redefinidas e impessoalizadas pelo sistema de assalariamento. As formas de lazer e de vida religiosa são vividas nesses primeiros tempos de forma segregada, o branco reaculturado pelos modelos da civilização ocidental moderna se furta de contatos inter-raciais explícitos, se distancian- do dos hábitos de vida comum vindas do mundo colonial.

A degradação moral que acompanha a vida caótica e exposta a constantes mudanças vinda com a nova ordem social post-abolicionista é lida pelo branco como confirmação de seus preconceitos raciais, estigmatizando definitivamente o negro como inconsequente, irresponsável e incapaz, passando a compreendê-lo através dos novos estereótipos integrados à vida urbana: o malandro, o bandido, a puta. Em suma: apesar de formalmente lhe ter sido atribuído o status de cidadão, o negro continua sendo visto pelo branco como inferior.

3 - OS PRIMEIROS ENCONTROS ENTRE O NEGRO E O BRANCO POSSIBILITADOS PELO FUTEBOL

Em Bangu, na Companhia Industrial do Brasil, uma fábrica de tecidos, os técnicos ingleses contratados fundam um time de futebol chamado inicialmente de "The Bangu Athletic Club". Já que ²colônia estrangeira naquele subúrbio não era suficiente para formar um quadro completo, os jogadores admi-

tem a entrada de operários, o que em pouco tempo se torna numa tradição no novo clube. Francisco Carregal, um mulato tecelão, integra um dos primeiros quadros do Bangu, que entra na história como a primeira equipe oficial miscigenada do futebol brasileiro. Enquanto para os mestres ingleses o jogo é apenas uma agradável forma de passar o tempo de lazer, para os elementos das classes populares o futebol se torna mais que isso, jogar bem futebol é forma garantida de ganhar emprego na fábrica num momento que o mercado de trabalho se fecha para o trabalhador nacional. O operário que fazia parte do time passava inclusive a receber vantagens de ocupação e horário, como prenúncio dos significados utilitários que o esporte teria para os membros das classes inferiores na sociedade brasileira, tendência que se acentua com a crescente popularização do esporte, e com a formação de times de subúrbio, alguns dos quais, vinculados a fábricas, passando a disputar o campeonato carioca.

A participação de negros e mulatos no futebol já se tornara irreversível pela dupla fascinação que o esporte inspirava, aliando à plasticidade do jogo, onde se inscreveriam com vantagem os códigos corporais dos descendentes do africano, as vantagens econômicas e sociais não encontráveis em nenhum outro âmbito da sociedade, que vive o momento seguinte à Abolição distanciando rigidamente seus membros segundo critérios sócio-raciais. Assim, na antiga sociedade de castas, agora dividida em classes, mas contaminada em sua organização e seus valores pelo momento anterior, o futebol se

torna no primeiro foco onde negros e brancos se encontram ^{LOMO} com panheiros ou como adversários em situação de relativa igualdade, não só nos times de subúrbio onde brancos das classes populares jogam ombro a ombro com os negros, mas mesmo com brancos aristocráticos que passam a enfrentar peito a peito negros nos campeonatos da Liga Carioca. Esse fenômeno vai exigir que, no âmbito desta prática esportiva que vai se tornando na grande paixão nacional, sejam elaborados mecanismos e códigos sociais que respondam ao progressivo reencontro inter-racial no novo contexto social da sociedade brasileira moderna, que por suas características próprias o tornam extremamente conflituado, ~~exigindo normas que o regulem no âmbito do futebol~~, normas essas que serão posteriormente utilizadas em outras órbitas da vida social em que ocorram situações de encontro entre as raças e classes.

O preconceito e a discriminação racial surgem no Brasil durante o período colonial como uma das consequências da escravatura. Já o direito romano excluía o escravo da condição de pessoa, estigma que adquire conotação racial pela origem do escravo no Brasil vindo da África. O preconceito racial vai ter funcionalidade social legitimando a escravatura, caracterizando o negro como inferior e portanto incapaz de arcar com as responsabilidades do cidadão, gerando o hábito inflexível de mantê-lo em seu lugar, de forçá-lo violenta ou tacitamente à obediência e à passividade. As ideologias raciais solucionam o conflito da instituição da escravidão com os princípios básicos da ética católica, igualitária em sua es-

sência, criando racionalizações sublimatórias que vêem o negro como um ser bruto, vindo de um estado entre o paganismo e a simples animalidade, aparecendo a escravatura como uma relação piedosa e ^{misericordiosa} De catequese e salvação, ^{AO MESMO TEMPO QUE UTILIZA DE SUA FORÇA DE TRABALHO,} Quando a sociedade brasileira é artificialmente atualizada com a introdução dos princípios da democracia-burguesa européia, sendo formalmente instaurada a liberdade de todo corpo social, persistem mecanismos psico-sociais que fazem o passado perdurar no presente, a cultura escravagista redefinindo a cultura do capitalismo. O preconceito racial, que passa a ser visto como ultrajante para quem sofre e degradante para quem o pratica, dentro das novas articulações ideológicas de uma sociedade que se deseja liberal e humanitária, é entretanto exercido em toda extensão de sua prática social, apesar de se recusar sistematicamente seu reconhecimento, exigindo a elaboração de um sofisticado pacto ^{RACIAL E SOCIAL,} ~~social~~, farisaico e sublimatório, capaz de responder às necessidades das classes superiores na sociedade brasileira moderna.

O futebol vai se constituir num verdadeiro laboratório, por sua condição de espaço onde a situação de contato e conflito entre brancos e negros de distintas classes sociais inicialmente ^{MEM RE} se manifesta. Os regulamentos das Ligas do Rio e São Paulo exigindo o amadorismo dos seus jogadores, com provável pelo exercício de uma profissão ou pela posse de rendas, e acrescentando um item através do qual os membros de determinadas ocupações são desqualificados, são uma resposta ~~de~~ precária de uma aristocracia ^{AUTOCRÁTICA} ainda imatura ^{ADAPTADA E} ciosa de seus

APROPRIADA PARA O SISTEMA ESCRAVAGISTA
 VERGAL ANTA NAERPIA AO NUNO COPIEM
 SEM MINEP. EXPONENKRE

privilégios. A democratização do futebol seria incontrolável. Em 13 o Paulistano rompe com a associação existente fundando outra identificada com seus propósitos de "fazer uma seleção rigorosa..... exigindo que as equipes sejam integradas por jovens delicados e finos".² Os jogadores das classes populares não poderiam ser contidos em sua avidez pelo futebol e o Paulistano, apesar de suas grandes glórias no futebol, termina por se retirar do esporte, tendo como única solução para seu segregacionismo radical passar a se dedicar exclusivamente a outro esporte mais controlável: o ténis.

4 - OS PRIMEIROS NEGROS NAS EQUIPES ARISTOCRÁTICAS

Uma vez organizados os campeonatos ^ẽregionais liderados pelo Rio e por S. Paulo, os clubes aristocráticos, alguns deles fundados pelas colônias estrangeiras, outros, como o Botafogo, fundados em função do próprio futebol, disputam os primeiros lugares com seus times formados por jovens da burguesia urbana. Os times das zonas mais pobres, sem preconceitos sociais ou raciais, se contentando em vencer um ou outro jogo, sempre os azarões. O jogador típico de um grande clube era filho de família aristocrática ou de burgueses que prosperavam no comércio ou na indústria, podendo assim se dividir entre a faculdade, frequentemente medicina ^{ou direito} e ~~advocacia~~, e os divertidos treinamentos em seu clube. Inicialmente compostas por indivíduos mais maduros e já integrados no mercado de trabalho, nos negócios da família, empregados nos altos das em-

NEURO: DE INÍCIO É PERMITIDA A PARTICIPAÇÃO
OPERATIVA / COM O PROGRESSIVO DESENVOLVIMENTO
A PREPARAÇÃO PROGRESSIVA DO NEURO MOTORIAL

22

presas ou exercendo profissões liberais - as grandes equipes, começam, principalmente a partir do bi-campeonato do Flamengo em 14/15, a serem assaltadas por estudantes, como os oito acadêmicos de medicina do Flamengo, mais moços e com mais tempo para treinar, já que trabalhar antes de formado era uma vergonha para a família, e sinal infamante de decadência econômica e social.

Para os times miscigenados de subúrbio as desvantagens eram evidentes. Obrigados a só admitirem indivíduos que pudessem provar uma relação empregatícia, seus jogadores expostos à rotina de trabalho, frequentemente braçal, não tinham a mesma disponibilidade de tempo para os treinamentos, nem as vantagens de alimentação e moradia das classes superiores, que eram também oferecidas pelos ^{GRANDES} seus clubes em suas concentrações. A medida que as vitórias dos times brancos se sucediam, logo passaram a ser vistas como afirmação de sua superioridade racial sobre negros e mestiços, se afirmando que "como futebol não é só jogado com os pés, mas também com a cabeça, as raças inferiores teriam sempre desvantagem".

O Fluminense, clube reservado às "boas famílias", como o Paulistano, sucede o Flamengo nos campeonatos cariocas, impondo o tri-campeonato de 17 a 19, maravilhando a cidade tanto pela excelência de seu time quanto pela finura de seus jogadores, verdadeiros gentlemen, que deixam a elegante concentração de smoking para os saraus na casa de Coelho Neto, local onde a presença dos esportistas enfatizava o clima de cultura e de negócios. Ana Amélia noiva de Marcos Mendon-

ça, um dos maiores goleiros brasileiros de todos os tempos, que costumeiramente recitava nas reuniões se sente transportada a Grécia ao assistir um jogo de seu amado e compõe "O Salto":

Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético,
Serenos, forte, audaz como um vulto da Ilíada,
Todo meu ser vibrou num ímpeto frenético,
Como diante de um grego, herói de uma Olimpíada.

.....

Estremeci fitando êsse teu porte estético,
Como diante de Apolo estremecera a dríada.
- Era um conjunto de arte esplendoroso e poético
- Enredo e inspiração para uma helioconíada.

.....

No cenário sem par de um pálido crepúsculo
- Tu te lançaste no ar, vibrando em cada músculo
Por entre as aclamações da massa entusiástica.

.....

- Como um deus a baixar o Olimpo, airoso e lépido
Tocaste o solo, enfim, glorioso, ardente, intrépido,
Belo na perfeição da grega e antiga plástica.

.....

Coelho Neto cujos filhos jogavam pelo time, faz sua casa próxima do campo uma extensão do Fluminense, dando o tom do refinamento cultural e do sentido político que transitavam através dos salões do clube em suas grandes noites. Sua ligação com Olavo Bilac o torna um dos intelectuais ligados a Li-

TENPO

ga de Defesa Nacional, várias vezes proferido discursos políticos em solenidades do clube. O Fluminense, clube de "múltiplas atividades administrativas, esportivas, sociais, artísticas e cívicas", nas palavras do seu filho Paulo Coelho Netto em sua "não uma história nem histórias, mas a História do Fluminense", é compreendido por seus sócios fundadores como uma entidade modelar para a vida nacional. "Tenho a convicção, e não receio incorrer em erro, que se os nossos governantes conhecessem a organização do Fluminense e a reproduzissem suas normas administrativas, muitos dos sérios problemas que afligem o país, sem sombra de dúvida, já estariam solucionados." Para tão ousada afirmativa é fornecido um alibi: as ligações com a cultura "superior européia". "Os fundadores do Fluminense, quase todos educados na Suíça e Inglaterra, não criaram uma sociedade apenas para fins recreativos. Como homens de nível intelectual superior, eles tinham idéias avançadas e olhos esclarecidos. Da Suíça trouxeram os métodos duma organização que não tem rival no mundo, da Inglaterra colheram os exemplos de respeito e amor à tradição que tem sido a verdadeira e indestrutível muralha de apoio nas suas horas de incerteza e sofrimento..... Ultrapassando os limites das simples competições esportivas, o Fluminense, como a Suíça e a Finlândia que assombram as grandes nações, tornou-se um pequeno e maravilhoso Brasil, dentro do próprio Brasil!"³

Tanto a organização e a filosofia dos clubes, quanto a das campanhas cívicas que surgem a partir da segunda década do século em resposta à força do movimento operário, li-

derado pelo imigrante vindo dos movimentos proletários europeus, expressa o crescimento de uma moderna burguesia que, apesar de não se sentir ainda com forças para se opor à aristocracia rural na liderança nacional, se vê culturalmente mais aparelhada para liderar o país de acordo com sua ideologia de classe emergente. As classes populares, uma vez reprimidas suas facções radicais, seriam expostas à instrução primária permitindo-lhes tanto assumir o papel do trabalhador especializado necessário à indústria, quanto se constituir no manancial de votos "esclarecidos" para os políticos burgueses que sucederiam os prepostos da "arcaica e obsoleta" aristocracia rural, a ser mantida como parceiro menor responsável pela "paz social" no campo. A ligação desses movimentos com os militares, que se tornariam sua vanguarda atuante, apesar das desconfianças recíprocas com a burguesia, faz que seus programas incluam um projeto de para-militarização da sociedade civil, através da organização de linhas de fogo, tropas de escoteiros e grupos de enfermagem, de funcionalidade apenas simbólica, visando "incutir o civismo e o sentimento de unidade nacional". O Fluminense em sua polivalência, "desenvolve o escotismo e a preparação militar", além de atividades assistenciais "auxiliando com roupas, mantimentos e brinquedos, no dia de Natal, os milhares de meninos e meninas que correm ao seu estádio", se associando mais tarde ao governo em seu "esforço de guerra, quando criou um curso de enfermagem e doou um avião de treinamento ao Ministério da Aeronáutica".⁴

Lima Barreto, jornalista e escritor mulato de notá

vel importância no período, inicia uma polêmica com Coelho Neto quando é publicado nos jornais o seu discurso na inauguração da piscina do Fluminense. "O senhor Coelho Neto esqueceu-se da dignidade do seu nome, da grandeza de sua missão de homem de letras, para ir discursar em semelhante futilidade. Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos". Com o desenvolvimento da polêmica, enquanto Coelho Neto nega qualquer manifestação de racismo nos clubes cariocas, ~~não~~ reafirma^{NDO} os significados civilizatórios e regeneradores do Esporte, Lima Barreto ressaltava a luta de classes e raças que permeia o futebol, afirmando que o esporte está vetado a seus irmãos de cor a seus companheiros do subúrbio carioca. Num artigo ainda mais agressivo e satírico Coelho Neto é vítima de uma paródia, chamado de "bôbo da corte" do multimilionário Har-Al-Nhaldo Ben Knenly, numa menção evidente ao industrial Arnaldo Guinle, Presidente do Fluminense. Em 19 fundaria com outros intelectuais a "Liga contra o Futebol", para combater "uma aristocracia que se baseia nas habilidades dos pés". "O futebol - dizia ele - é coisa inglesa e nos chegou por intermédio dos arrogantes e rubicundos caixeiros dos bancos ingleses, ali, da Rua da Candelaria e arredores, nos quais todos nós teimamos em ver lordes e pares do Reino Unido".⁵

Entretanto, o desmarcamento^S por parte de um negro do pacto racial da sociedade nacional, e a tentativa de afirmação de seus pontos de vista e interesses, seria ainda uma manifestação isolada, já que a inserção do negro na socia

dade global supunha uma revolução muito mais ampla do que havia sido a transformação com o regime servil, o que nas circunstâncias históricas era impossível. Os times brancos permitiriam excepcionalmente que um negro defendesse suas cores desde que esse se integrasse inteiramente em situações e atitudes brancas. Esse é o caso de Friedenreich (ver adiante) e de Joaquim Prado, que ligado inusitadamente à burguesia paulista domina os códigos sociais e dispõe de recursos econômicos necessários para que seja aceito como elemento de exceção no círculo racista dos grandes clubes paulistas. ".....quem ia a S. Paulo jogar um match de futebol voltava encantado com Joaquim Prado, sem reparar, até, que ele era preto. E se reparava era para gostar mais dele. Um verdadeiro lord. Vestia-se bem, admiravelmente bem. Nada de cores berrantes, nem mesmo o contraste do branco com o preto, tão de agrado do homem de cor (.....) De noite sempre de preto, de smoking (.....) Também tinha nascido naquele meio, vivia nele(....) Porque morava em S. Paulo Joaquim Prado jogava no Paulistano. Se morasse no Rio jogaria no Fluminense. Escolheria o Fluminense naturalmente. Não só porque era um clube de gente fina, como ele, mas, também, porque era um clube de homens feitos, como ele. De responsabilidade. Joaquim Prado só ficaria bem no Fluminense". 6 *

Outros casos são menos felizes. Carlos Alberto, um mulato claro, notável jogador, apesar de seus modos educados e contidos, e de usar sempre uma touca em campo escondendo seus cabelos de negro, gera uma série de problemas para o Flu

* EXPLICAR A ... DE PONTOS DE VISTA DE
 PRADO ... A ... DO LIVRO
 EM ... COM ... DO QUE HAVIA PERCEBIDO E

minense e seus simpatizantes. Conta a lenda que um dia teria passado pó de arroz no rosto tentando embranquecer, disfarce que com o suor da partida se ^edisfaz o expondo à zombaria da torcida. O apelido de "pó de arroz" imediatamente imposto e depois estendido a todo o time, faz que pare de jogar no fim da temporada, intimidado e ridicularizado. Também no branquíssimo Botafogo joga um mulato, Basílio Viana, se distinguindo pelo uniforme cuidado, pela roupa cintada, colete fantasia e sapato bico fino, salto carrapeta, exemplo da caricatura da conduta pequeno-burguesa dos brancos que se generaliza na comunidade negra, principalmente nos seus membros mais claros e mais ascendentes na sociedade global. Falando em francês, afirmando ter estudado no Mackensie College, e fazendo alarde de suas frequentes visitas a Paris, tenta se impor no ambiente de brancos, que ou se irritam com o "negro pernóstico" ou concedentemente acham graça de sua mitomania. De qualquer forma Basílio não fica muito tempo no Botafogo, se vingando do seu ex-clube mais tarde com um gol decisivo contra o Botafogo no campeonato carioca, JORNAL DO PAÍS AMERICANA.

Para ser aceito o negro era instado a se socializar como branco, mesmo se arriscando de ser ridicularizado, numa metamorfose que incluía não só o aprendizado de novas maneiras, interesses, formas de vestir, comer, etc., mas também no disfarce de suas próprias características físicas, o que levava o jogador negro numa equipe branca a obcessivamente se pegar a fumar e a fazer frequentes visitas aos especialistas em alisamentos. Era, principalmente, decisivo para que sustentasse a

posição de exceção, a percepção exata dos limites da franquia, já que usualmente fechados ao negro o acesso aos círculos internos da sociedade branca, a abertura se limitava a certos ambientes, às partes especificamente esportivas do clube, o vestiário, o campo, os locais de treinamento, talvez o bar, sempre em regime de exceção, com claros significados de alibi às acusações de racismo que dividiam os membros da moderna burguesia urbana entre sua consciência democrática e sua prática social efetiva.

O ideal de personalidade imposto ao negro liberto resumindo-se na reprodução em si da imagem onipresente do branco, o mimetismo tornado em condição fundamental para que se situasse como pessoa, como o mimetismo das classes dominantes com o europeu os legitimava ante seus próprios olhos. Assim, enquanto os negros lutavam para ser o que não eram, e os que não poderiam ser, descobriam na dura realidade dos campos e dos bastidores do futebol o que realmente eram: párias da sociedade de classes, lumpem, negros.

5 - POPULARIZAÇÃO E CRISE

Se houvesse uma data que pudesse significar a ascensão virtual do futebol como o esporte da nacionalidade, essa seria a da vitória do Brasil no Campeonato Sul-Americano de 1919. O país precisava de um esporte que identificasse suas classes sociais, expressando com suas vitórias sobre equipes estrangeiras o amadurecimento de uma nacionalidade. Surpreen-

dentemente, apesar do mando aristocrático sobre o futebol, o grande herói do campeonato e autor do gol da vitória contra os uruguaios era um mulato, Friendereich, o primeiro grande ídolo popular do nosso esporte. Seus olhos verdes, a naturalidade em usar um smoking, e os cuidados de vestiário com o alisamento do cabelo, aliados a seu grande talento futebolístico, o tornariam aceito pela cúpula esportiva, se tornando, talvez apesar dele mesmo, no grande pioneiro da democratização do futebol. Seu pai, um imigrante alemão, enfrentando os problemas ocasionados pela passagem da mão de obra servil para assalariada, se muda de ^{Santa} Catarina para S. Paulo, onde mais tarde se casaria com uma mestiça. Fried, como mais tarde passaria a ser chamado carinhosamente pelo torcedor, começaria a jogar no campeonato da Liga Paulista de Futebol liderada, como no Rio, por times formados pelas colônias estrangeiras, inglesa e alemã principalmente. A aparição imediata de times com jogadores mestiços, entre os quais o Corinthians com sua vocação proletária, ocasionaria conflitos inter-classes no iniciante futebol paulista, cioso da preservação do futebol como privilégio dos estrangeiros e dos membros da aristocracia urbana. Inicialmente, como no caso da manifestação do center-half Rubens Salles do combinado paulista organizado em 1912, algumas posições contra a democratização do futebol são públicas, e no ano seguinte não é surpresa a cisão provocada pela aparição da Associação Paulista de Futebol congregando os times aristocráticos.

Friendereich, jogador do Ipiranga, fica na antiga

liga, ^{Mas} suas relações com membros dos grandes times faz que se transfira para o seletto Paulistano onde se consagraria. Fried, era o "negro possível", cor atenuada por seus cuidados miméticos e seus modos aristocráticos, o tornam aceito por seus companheiros de clube, enquanto sua mulatissse facilita a identificação com o torcedor popular que passa a idolizá-lo. Ela se torna o grande precursor de um modelo de ascensão social para as classes inferiores, oferecendo seu comportamento e seu sucesso como matéria de identificação para o popular, que vê em seu ídolo a abertura de um caminho possível numa sociedade fechada e racista, dentro ou fora do futebol. Assim, uma vez consagrado como esporte nacional, o futebol se tornaria, ao longo do desenvolvimento da sociedade brasileira, como fixador de padrões de comportamento coletivo, definindo as aspirações individuais e apontando os meios adequados de realizá-los.

Servindo de válvula de escape, neutralizando conflitos produzidos pelos desequilíbrios estruturais e pela limitada e inadequada oferta de oportunidades em nosso sistema social, principalmente para o negro que ^{ALÉM DE VIVER AS PRECARIZACÕES DOS DEMAIS MEMBROS DAS} uma dose de "mais-repressão" advinda de suas características raciais, o ritual que se arma em torno da competição futebolista obedece à lógica inconsciente do sistema social, metaforizando seus códigos e limites, e permitindo que, mascarados por seus aspectos lúdicos, e por pertencer a supostamente inconsequente órbita do lazer e do divertimento popular, sejam encenados no futebol os conflitos mais agudos de todo corpo social.

* CLASSES INFERIORES RE...

Seduzido pelos sucessos dos times brancos, o torcedor, mesmo do meio suburbano, se identifica com suas cores, incorporando na sua medida as características do clube de coração, sem ameaçar os tabus sociais e raciais que os cercam. As divisões estabelecidas no estadio reproduzindo e garantindo as hierarquias sociais, o gozo da festa e da vitória permitindo que sejam vividas ^{SIMULTANEAMENTE} situações contraditórias de cumplicidade e separação. "Um mulato, um preto, que torciam para o Fluminense, procuravam ser Fluminense, distinguindo-se dos torcedores de outros clubes, caprichando no modo de trajar, vestindo a roupa dos domingos (.....) A grade da arquibancada baixa, como a da geral, feita de madeira e arame, continuava separando do mesmo jeito, quem era ^fFluminense, de quem era Fluminense. Quem era Fluminense de fora, quem era Fluminense de dentro. O Fluminense podia, por isso, fechar-se mais. Fechar-se significava embranquecer-se, mas sem ofender o mulato e o preto. O mulato e o preto, pelo contrário, achando que o Fluminense tinha de ser mais branco".

No campo se reproduziam as tensões raciais. O negro, que pouco a pouco conquistava o direito de participar das partidas dos campeonatos estaduais embora, via de regra, em clubes de menor expressão, era sempre visado, sempre tendo que jogar limpo e respeitando o branco. Uma jogada mais ríspida de um preto num jogador branco e a briga era certa, a torcida sempre mais numerosa dos grandes clubes exigindo ruidosamente sua expulsão, ameaçando entrar em campo com suas bengalas. O negro, jogador de futebol, visto por toda socieda-

de, exigido em seu comportamento principalmente frente ao branco, e censurado em seus defeitos que imediatamente passam a ser atribuídos a todos de sua raça. Quando se torna público que Heráclito, um marinheiro negro goleiro do Bangu, bebe, o fato serve como confirmação^d as tendências ao alcoolismo atribuídas aos libertos. Mas quantos brancos bebiam, mesmo antes das partidas, como era costume principalmente entre os respeitados ingleses? O negro não podia, para jogar era-lhe exigido desde do apuro no uniforme até o comportamento exemplar fora de campo; qualquer deslize era fatal.

Mas começam a surgir grandes jogadores negros e mestiços nos times de subúrbios, os torcedores começam a imaginar o que aconteceria se Monteiro do Andaraí fosse para o Fluminense, para o Botafogo. O talento e a habilidade dos novos jogadores fazendo com que se estabelecesse um pacto tácito entre os grandes times, o negro declarado arma proibida. Porém, a popularização crescente do esporte tornando o futebol na vitrine dos clubes, exige vitórias, campeonatos. As necessidades imediatas, urgentes, se opondo às ideologias raciais. O América provoca uma verdadeira revolução tanto interna, como em todo futebol carioca, integrando Manteiga, um mulato marinheiro revelado no campeonato das Forças Armadas, a seu time. Apesar dos protestos dos associados e da deserção da maior parte da equipe de futebol que se transfere para o Fluminense, tudo é contornado para que o grande jogador negro defenda o clube e ganhe os campeonatos. *

A estrutura do futebol entra em crise. Enquanto a

* = P.A. DO BANGU MONTREUAD COM MANTUEUA.
A VERDADE DA PRODUÇÃO A PESQUISA
PARA O BANGU. O FIM DE LARRAIA.

presença do negro nas equipes menores do campeonato já representava um problema, embora superado por um sistema de fatores acionados garantindo a vantagem do branco, a entrada dos primeiros negros nas grandes equipes deixa a organização esportiva sem respostas, levando o sistema a situações paradoxais que exigiriam mais cedo ou mais tarde sua reestruturação sob novos critérios.

Os antigos jogadores negros a participarem das equipes aristocráticas, por terem sido socializados dentro das famílias brancas, fazendo parte do seu meio social, não chegavam fundamentalmente a destoar, mesmo em virtude do pouco número daqueles capazes de preencher esse papel, ^{SE R-VINHO} ~~que serviessem~~ de alibi às acusações racistas, e exemplo das afirmativas das classes dominantes que sua ação discriminadora só se exercia contra aqueles culturalmente inferiores. Já os novos jogadores negros a penetrar nos grandes times vem diretamente das classes populares, sendo culturalmente diversos, mobilizados para suas novas cores não pela paixão clubística, mas pelas ofertas de dinheiro ou empregos, gerando um profissionalismo velado que desmascarava todo o ethus amadorista. Por outro lado, uma vez integrados ao time passavam a fazer formalmente parte do corpo social dos clubes, deixando-os elubes, entre suas necessidades de bons resultados dentro do campo e seus pruridos racistas, sem respostas ^{EFICIENTES PARA A} ~~claras a~~ situação. A condição do jogador negro, assim, nunca é explicitada, usando os sócios brancos de expedientes infantís para afastá-lo do convívio social, vivendo o jogador uma situação tensa, tendo que aceitar

as imposições de uma linha invisível que ^{se} pouco a pouco se define, como condição para manter suas vantagens econômicas ^e sociais.

6 - AS PRIMEIRAS VITÓRIAS DE EQUIPES NEGRAS

O Vasco da Gama, time que sobe para a primeira divisão do campeonato carioca em 23, decide com o dinheiro que mobiliza na colônia portuguesa formar um grande time, já que estando fora do círculo aristocrático, não faz parte dos pactos velados que impedem a contratação maciça de jogadores negros. Recruta, assim, os melhores jogadores de subúrbio, formando uma equipe formidável que passa a ser cuidadosamente treinada para os jogos do campeonato.

O jogador das classes inferiores, uma vez contratado por um time de futebol, recebendo vantagens que lhe são negadas em qualquer outra órbita social, passa a ser submetido a um regime de treinamento intenso a que não se submetem os jogadores brancos, não dependentes do esporte, que praticam o futebol exclusivamente por divertimento. Os jogadores do Vasco passam a viver inteiramente voltados para o futebol, dividindo seu dia entre ginástica, treinos coletivos e corridas de fundo, dormindo em hora certa na concentração do clube, num regime pré-tayloriano que seria desenvolvido mais tarde depois da implantação do profissionalismo. Assim, às qualidades técnicas do jogador das classes populares se soma sua submissão a um duro treino que lhe daria vantagens definitivas se

bre o amador, para quem o futebol é apenas uma de suas atividades, o que determinará importantes modificações dentro do futebol.

Iniciado o campeonato o Vasco começa a acumular vitórias, sendo, de acordo com a crítica esportiva da época, imbatível durante o segundo tempo ^{no jogo} quando o melhor preparo físico de seus jogadores se impunha sobre seus adversários. Pela primeira vez um time miscigenado disputa o campeonato carioca com possibilidades concretas de vencer, um time forte e uma torcida numerosa que desafia o tradicional predomínio das equipes dos brancos. Passa a se tornar um ponto de honra vencê-lo: na final do primeiro turno, o Vasco na frente, o Flamengo que o enfrenta em seu estádio prepara uma verdadeira armadilha para seu adversário, chegando a armar seus remadores com seus remos para impedir as manifestações da torcida luza. Entretanto, mesmo derrotado naquele jogo, o Vasco se tornaria campeão carioca de 23. O branco que tinha no futebol a confirmação de sua superioridade racial é vencido apesar da organização esportiva armada para protegê-lo.

Alguma coisa havia de se fazer, o campeonato e a liderança esportiva deveriam ser retomadas a força. Logo são reavivadas as leis restritivas da Metropolitana caídas em desuso pelos próprios interesses dos grandes clubes de vez por outra contratarem um jogador nas classes inferiores. Novamente são rigorosamente exigidos comprovantes do amadorismo, forçando o Vasco a empregar seus jogadores nas lojas de seus ricos torcedores portugueses, insistindo a federação em chegar

a veracidade dos contratos empregatícios com batidas às casas de comércio. É também reavivado o regulamento contra participação de analfabetos, sendo alguns jogadores eliminados pela junta controladora. O processo desencadeado termina com a formação de uma nova federação, a AMEA, que reúne os grandes clubes com a exceção do Vasco, permitindo entretanto a entrada do Bangu, tradicional protegido do Fluminense, e do São Cristovão, com suas equipes miscigenadas, como álibe contra acusações racistas. A seleção nacional é formada, sendo, significativamente, apenas um jogador do time campeão chamado, servindo de base os craques dos times brancos derrotados.

"O aparecimento da AMEA marca, portanto, indistigável reação já desencadeada em São Paulo (o Rio sempre atraído) da aristocracia contra a classe pobre no futebol. Teimando a primeira em se arrogar o direito de orientar e governar os esportes nacionais. Isso durara enquanto o futebol não pudera ser tecnicamente conquistado pelas classes operárias. Mas, como tal já sucedera, daí os movimentos quase paralelos de reação dos poderosos das duas cidades. Eram os grandes contra os humildes. Não havia dúvida: o objetivo do novo golpe carioca era impedir que a veterana Metropolitana, de seu salutar e racional sistema de segunda e terceira divisões, com acesso, continuasse a propiciar ambiente favorável à proletarização do futebol. Como já a APEA impedira que o fizesse, em S. Paulo, a velha Liga Paulista e depois a LAF pretendeu fazer, no mesmo figurino, com a veterana APEA. Um dos líderes do movimento "ameano" foi o capitalista Arnaldo Guinle,

como em S. Paulo já o fôra, no caso da APEA, o capitalista Antônio Prado. ^{Os} Nos dois movimentos partiram ^da burguesia endi-
nheirada e ávida de mando, inconformada com a intromissão dos clubes de trabalhadores, no domínio da técnica do jogo". 8

Muitos jogadores brancos que já haviam parado vol-
tam para disputar o campeonato carioca de 24. O Fluminense volta a formar sua grande equipe com os remanescentes do tri-
campeonato. "Não era uma nova época que surgia, era a velha época que voltava, o bom tempo do branco superior ao preto. (.....) Enquanto houvesse amadorismo, os brancos seriam superiores aos pretos, os ricos aos pobres".⁹ Através de medi-
das de força se conseguira uma regressão histórica. No Flumi-
nense, Flamengo, América, Botafogo, Helênico e Sport Clube Brasil, não se viam pretos. O Bangu e S. Cristovão, com suas equipes miscigenadas longe das primeiras colocações. Os jogá-
dores se encontrando em meio da temporada lírica do Municip-
pal. O smoking novamente tão importante quanto a chuteira, o calção, a camisa.

Mas o futebol tinha mudado. Os jornais que costumavam dar pequenas notas sociais dos jogos, abrem extensas se-
ções esportivas. O próprio Estado começa a se interessar por um esporte com tal capacidade de mobilização. O futebol come-
ça a representar dinheiro. Novas técnicas de preparação tor-
nam o esporte mais competitivo. Logo fica claro o anacronis-
mo do campeonato carioca de 24, o Vasco é readmitido com suas possibilidades de público e lucro. O profissionalismo velado passa a ser a regra e os bichos depois das vitórias um costu-

me por todos adotado. Por quase todos.

Enquanto o scratch da AMEA fora campeão brasileiro em 23 com só um negro, a Confederação Brasileira de Desportos convocara para o Sul-Americano de Montevideu uma equipe composta por cinco mulatos e pretos e seis brancos. Uma vez derrotada, a equipe passa a ser vítima de extenso anedotário que enfatiza o desconforto e o ridículo dos jogadores negros submetidos a etiqueta da primeira classe do navio da Mala Real, e das recepções da embaixada brasileira, culminando com o célebre episódio da lavanda, quando Fortes, jogador do Fluminense, finge bebê-la, no que é seguido, para escândalo dos presentes, por quase toda equipe.

Para o campeonato de ^E 25, a ser disputado em Buenos Aires, Oscar Costa, presidente da CBD é irredutível: nós não seríamos chamados mais de "macaquitos", a seleção seria constituída só por brancos. Só Friedereich é chamado, por direito conquistado no campo e no salão. Mesmo assim, o campeonato é conturbado pelas fugas dos jogadores para os cabarés, e mesmo por boatos de uma doença de Fried e Floriano curada por uma substancial soma em dinheiro fornecida por Renato Pacheco, chefe da delegação. A delegação chega cercada pelo escândalo só superado pelo sururú na partida final contra a Argentina, quando a valentia dos jogadores brasileiros, tão grata ao ^{de}maxismo nacional, serve de compensação para a derrota esportiva.

No campeonato carioca de 27, novamente um time que mescla brancos com negros e mulatos, é o vencedor: o S. Cris

tovão, que vindo para a AMEA apenas para disputar as últimas posições surpreende os grandes times. Preparado com grande cuidado e acompanhado por sua torcida mesmo nos campos da Zona Sul, o time lidera o campeonato de ponta a ponta, afirmando definitivamente a presença do negro no futebol do Rio de Janeiro. Embora limitados a participar apenas das equipes de futebol, já que são excluídos mais ou menos veladamente das atividades sociais dos clubes de branco, os jogadores vindos das classes populares integram quase todos os times que disputam o torneio, só restando o Fluminense, o Flamengo e o Brasil, com suas equipes imaculadamente brancas.

Os campeonatos ganhos por times miscigenados de subúrbio, modificam o comportamento de seus jogadores em campo e de seus torcedores que aumentam em grande número. Agora, da mesma forma como quando um dos times pequenos vinha jogar na zona sul, seus torcedores eram reprimidos em seu entusiasmo e agredidos ao menor protesto, o subúrbio passa a receber os times aristocráticos e suas torcidas com insultos e pedradas, principalmente quando o time da casa é derrotado. O Vasco que não tinha campo próprio, jogando quase todas as partidas do campeonato no campo do Fluminense, continuava vendo sua torcida e seu time intimidados pelos torcedores da zona sul. Nelson da Conceição, seu goleiro, era a principal vítima dos tricolores que se postavam atrás de seu gol deixando suas cadeiras, chamado de macaco e perturbado a cada defesa. Se queixando seus dirigentes, o Fluminense respondeu que não podia tomar nenhuma providência contra seus sócios que iam para

as arquibancadas. A experiência no campo do Flamengo não melhora a situação, e o Vasco finalmente é forçado a se mudar para o pequeno campo na rua São Francisco Filho, no Andaraí. Lá sim, apesar de prejudicado nas rendas, o time sentia-se em casa.

A torcida do S. Cristovão passa a responder em seu campo em Figueira de Melo ainda com mais violência, apedrejando na estação de trem os torcedores que vinham acompanhando seus times da zona sul. Num jogo contra o Botafogo, o presidente Paulo Azeredo é quase navalhado pelos torcedores sendo salvo por Luiz Vinhaes técnico do S. Cristovão. No campo seus jogadores respondendo a qualquer provocação dos brancos, não perdendo ocasião para afirmarem sua raça devolvendo os insultos com extrema violência. O branco é chamado de "almofadinha" de "não-me-toques", o negro se afirmando nas vitórias e na força física. Em S. Paulo fica famoso o Aragão "Bico de Aço", um preto alto e magro que intimidava os brancos e principalmente os mulatos, como Friendereich ou Waldemar de Brito, que queriam passar por brancos. Numa partida organizada da LAF dos brancos contra os pretos da Metropolitana, o time de negros ganha de cinco a zero, Friendereich com a camisa da LAF não ousando se aproximar da área adversária garantida pelo terrível Aragão, reclamando que aquilo não era futebol.

É a afirmação dos times e jogadores negros acompanhada pelo revanchismo violento contra seus rivais que ocupam todas as posições de vantagem no jogo social. O futebol, que se constitui num primeiro espaço onde voltam a se travar rela

ções inter-raciais em relativo pé de igualdade, já que apesar de toda ²organização do futebol favorecer o branco no campo são onze contra onze, é também onde se esboça uma resposta a uma sociedade que, se não mais se organiza num regime de castas étnicas, conserva esse momento introjetado em seu presente.

O episódio que simbolizaria de forma definitiva esse momento no futebol brasileiro, ocorre no principal jogo da temporada, disputado pelos selecionados do Rio e de S. Paulo, assistido, além de por um público que bate todos os records do futebol brasileiro, ^{NO ENORME CAMPO DO VASCO RECÉM-CONSTRUIDO} pelo próprio presidente da república Washington Luís. ~~(no enorme campo do Vasco recém-construído)~~ Na partida um pênalti é marcado a favor dos cariocas, os paulistas não aceitam e decidem abandonar o campo em protesto. O Presidente, da tribuna de honra, percebendo a manobra, manda seu ajudante de ordens dizer ao time de S. Paulo que o jogo não deveria ser interrompido. Mas no campo a grande surpresa: o mulato Feitiço, um dos maiores atacantes paulistas da época, ao ouvir a ordem presidencial junto com os outros jogadores, se antecipa ao capitão do time afirmando "o presidente manda lá em cima, aqui em baixo mando eu", liderando a saída do campo.

A atitude de Feitiço desencadeia uma onda de ameaças contra o "mulato atrevido", principalmente, e contra todo o time paulista. Porém, o episódio ficaria como mostra da tremenda força do jogador de futebol. A CED suspende os jogadores mas tem contra si toda a opinião pública paulista, além

de sua Federação e de seus times ciosos dos seus melhores jogadores. As punições acabam por ser suspensas, e, quando pouco tempo depois Feitiço jogando por uma seleção brasileira contra um time de escoceses faz quatro gols, a consagração da torcida deixa bem claro que mais nenhuma medida contra o jogador é viável, ficando essa impunidade de um jogador negro revoltado, como uma ameaça, contrapartida das possibilidades de manipulação do futebol nas esferas extra-esportivas.

7 - OS ÚLTIMOS TEMPOS DO AMADORISMO

A situação de ^oprofissionalismo mascarado é vivida com tranquilidade pelo jogador branco das classes superiores, para quem o bicho é apenas um pequeno acréscimo às suas posses, a ser despendido não em suas necessidades básicas, mas no material esportivo ou num jantar comemorativo depois do jogo. Já para o negro ou para o branco pobre, que vê seu dia cada vez mais tomado pelo futebol, em partidas e treinamentos que o coloquem em condição de competir em igualdade de condições, a baixa remuneração oferecida pelos clubes os mantém numa situação econômica ainda indefinida. A situação se torna mais aguda na medida que o futebol se afirma como indústria de diversão, gerando grandes arrecadações e provocando construções de novos estádios, alguns, como o do Vasco com capacidade para mais de cinquenta mil pessoas. O jogador dos grandes times, centro de todo espetáculo, não é recompensado economicamente proporcionalmente ao crescimento de importância do fute

bol, juntando-se nas equipes homens vivendo situações sociais e econômicas radicalmente diversas, a precária união no time apenas acentuando as diferenças.

O estágio ambíguo, e altamente corruptor, do amadurecimento narrom, faz que o futebol viva por anos uma situação mascarada, muitas vezes antagonizando o jogador com os torcedores. Embora o regulamento da federação, que forçava o jogador que mudava de time a uma parada de quatro anos, tivesse sido amenizada para um ano, a transferência era encarada pelo público com repulsa e atribuída à falta de caráter do atleta. Acostumados com as antigas equipes constituídas pelos mesmos homens durante anos, que quando paravam de jogar continuavam no clube como "patrimônio", era exigido o mesmo comportamento dos jogadores das classes populares, com suas necessidades econômicas extremas, e para quem toda vida social dos clubes estava fechada, só sendo aceitos pragmaticamente por sua habilidade no jogo.

Assim, começam a se tornar frequentes as mudanças de time de jogadores atraídos por promessas de emprego e de bônus. Os jogadores negros se tornam os pioneiros nas transferências clubísticas no futebol brasileiro, forçando os grandes clubes, que por sua tradição precisavam das vitórias e dos campeonatos, a procurá-los e integrá-los em suas equipes. Grandes jogadores brancos sempre houve, mas por serem muitos das classes superiores, suas transferências eram mais inco-muns, e geralmente motivadas por razões não econômicas. As grandes equipes constituídas pelos mesmos jogadores através

das temporadas, se distinguindo por sua técnica coletiva e seu perfeito entendimento e unidade, começam a desaparecer, num processo que marca a passagem do prestígio da equipe para o jogador, para a estréla, que independente do time onde joga é quem decide os jogos e lota os estádios.

Fausto, grande centro-médio do Vasco, um negro que marca época em nosso futebol, era o "dono do time" e considerado o maior jogador carioca da época. O clube lhe dava uma pequena mensalidade e prêmios na vitória, apenas suficientes para que vivesse modestamente com sua mãe num sobrado no centro, exigindo-lhe em troca além da excelência técnica, grande esforço em campo. A medida que cresce sua fama crescem as contradições que, não resolvidas, geram tanto um comportamento desaforado dentro do clube, que tudo aceita dependendo do grande jogador, quanto no campo, sempre irritado e frequentemente agredindo os adversários. Na verdade nada o segurava ao clube, entretanto, no futebol brasileiro não existiam grandes opções que superassem o regime pré-profissional do Vasco.

Também os jogadores brancos vindos das camadas mais baixas vivem a situação ambígua do pré-profissionalismo. Com problemas menores para se integrarem na vida social dos clubes, passam a conviver com os jogadores das classes superiores, alguns passando a frequentar da alta-sociedade apesar de seus poucos recursos, protegidos pela aura momentânea, inseguros quanto a seu futuro. Floriano, o "Marechal da Vitória" vindo de uma família de classe média de Barbacena, é descoberto por um olheiro quando jogava na seleção do Exército

onde servia como soldado raso. Obstado pelo regulamento da federação, Floriano dá baixa, passando a viver na sede do Fluminense onde inicia uma brilhante carreira como futebolista. "Sem o uniforme, comecei a levar a vida de um capitalista sem capital. Para manter-se no alto da sociedade seleta do Rio, costumava viajar para Petrópolis, onde passava a temporada de verão. A convite de R.P., morava na sua residência palaciana... tinha um automóvel de luxo e cavalos fogosos à minha disposição. Com tudo isso, meu futuro era um enigma. Fumava charutos, bebia vinhos finos e meditava sobre o contraste gritante que por ironia me levou a um palácio, enquanto o meu guarda-roupa se limitava a um terno modesto, consideravelmente usado, que me havia sido emprestado pelo milionário J. N. (...). Eu tinha torcido o meu destino, e o que iria acontecer agora estava nas mãos de Deus.(...) Enquanto tivesse pernas, meu sustento e alguma coisa mais estava assegurado".¹⁰

Numa entrevista Oswaldo Mello, o "príncipe dos passes" afirma: "O amador é um palhaço". Dias depois no mesmo jornal, seu companheiro Ennes Teixeira, confirmava: "só há no mundo uma casa de diversões em que o palhaço não recebe: o campo de futebol".

A inexistência no amadorismo de qualquer vínculo que prendesse o jogador ao clube, uma vez rompida a "fidelidade à camisa", leva os clubes a uma situação de intensa intranquilidade. O futebol paulista, principalmente, passa a ser desfalcado de alguns de seus melhores jogadores que, por serem filhos de imigrantes italianos dispoñdo de dupla nacio-

nalidade, passam a tentar a sorte no futebol europeu, alguns voltando com notícias de que uma vida principesca aguardava lá o jogador profissional. Marginalizados por preconceitos sociais e raciais, tanto os negros, quanto os filhos de imigrantes vindo da dura vivência proletária na primeira república, não hesitam em se afastar, emigrando para o estrangeiro onde haviam regimes abertamente profissionais. Entrevistados pelo "Il Littorali", órgão oficial do Comitê Nacional Olímpico Italiano, em agosto de 31, um grupo de jogadores recém-chegados do futebol brasileiro afirmava: "Não somos italo-brasileiros, somos italianos".

O negro, entretanto, reagiria de outra forma. Fausto e o goleiro Jaguaré que viajam com o Vasco para a Europa se desligam da equipe ingressando no futebol espanhol. Fausto afirma para os outros jogadores que sua saída era uma vingança pelos anos de desvantagens e humilhações que passara no clube. De fato, nos últimos tempos ^{NO} Vasco seu comportamento se tornara cada vez mais agudo, chegando, em sua passagem em Portugal, país imediatamente associado ao clube, a provocar grande tumulto, jogando água pela janela do hotel nos portugueses, pelo que quase foi linchado. Mas quando pressionado pelos dirigentes do Barcelona para se naturalizar, juntamente com Jaguaré, ambos se negam terminantemente, ao contrário dos filhos de imigrantes, para quem o Brasil não passava de uma aventura passageira.

O negro, como o índio, durante a Colônia, vive a situação de estranho, de "gente de outra étnia", o que faz que

seus movimentos de contestação do sistema vigente ^{VISASSEM} ~~viesem~~ reorganizar a vida nas velhas bases: o quilombo como a atualização do mundo tribal. Porém, a eficácia aculturativa é tamanha que seus filhos, mesmo marginalizados nas primeiras décadas de implantação do regime do trabalho livre, passam a lutar por uma vida nova como proletariados externos de uma civilização emergente, participando mesmo como classe oprimida, da sociedade nacional. O negro vive em dois mundos culturais diversos, movendo-se dentro de uma cultura ocidental retraduzida pela experiência histórica das classes dominantes, mas permanecendo dentro de um mundo negro-brasileiro, encontro dos vários processos civilizatórios africanos propiciado pela experiência comum da escravatura, situação que se mantém transformada depois da República. É essa sua herança civilizatória profunda preservada na luta contra a violência reificante do sistema escravagista, que lhe dá soluções de resistência na marginalidade. Assim, se fundam novas formas de coesão comunitária mediadas pela atividade religiosa, como é particular à dinâmica social dos diversos ^{brancos} africanos tornados, por sua história comum de casta no cativo, no negro brasileiro. Diversos códigos culturais sincretizados, ou preservados e atualizados, informam as novas instituições comunitárias que no sistema de classe passam a ter como clientela também o branco pobre exposto a uma situação social comum.

Domingos da Guia, para alguns o maior jogador brasileiro de todos os tempos, faz fama logo em suas primeiras temporadas no futebol carioca jogando pelo Bangu, se transfe-

rindo para o América em troca de um emprego de mata-mosquitos. A profissão, ele exerce com todo rigor em pleno apogeu do seu futebol, preocupado com o futuro espelhado no sucesso efêmero de outros jogadores negros, abandonados à própria sorte no fim da carreira. Transferido para o América que lhe paga uma boa soma e lhe dá um emprego extremamente bem pago em uma serraria, com um salário altíssimo para um operário e com obrigações apenas formais, seu dono se surpreende com a diligência em seu ofício de Domingos, preocupado em manter o ofício mesmo se forçado a parar de jogar por um acidente. A regra era essa, se parasse de jogar, no dia seguinte estava despedido. Domingos só para de trabalhar quando recebe o preço recorde de cinco mil cruzeiros para ir para o Vasco em 31, se tornando num dos primeiros profissionais bem pagos do nosso futebol. As cifras da transferência de Domingos já na boca de todos, a hipocrisia do amadorismo formal já atingindo os jornais.

Leônidas da Silva que também aparece no futebol carioca na época, numa memorável equipe do Bonsucesso comandada pelo técnico Gentil Cardoso, logo chega na seleção com seu estilo acrobático e criativo substituindo Nilo Murtinho Braga ídolo do Fluminense. A situação indefinida quanto ao profissionalismo e sua extrema valorização, o leva a uma complicada e finalmente frustrada transferência para o América, sendo no fim o jogador crucificado pela imprensa, acusado como mentiroso e mercenário, e vinculado a um hipotético roubo de uma jóia do qual os jornais extraem extensas matérias. As torci-

das adversárias passam a utilizar o episódio para irritá-lo, provando respostas violentas que quase interrompem sua carreira.

O Fluminense, um dos mais intransigentes defensores do amadorismo e da discriminação racial nos times aristocráticos, começa a ser pressionado por suas constantes derrotas nos campeonatos, já ficando distante em 32 sua última vitória no campeonato de 25. O profissionalismo passa a ser defendido por parte de seus sócios, já que jogadores das camadas populares poderiam ser facilmente comprados nos times de subúrbio, formando uma grande equipe, sendo mantidos afastados das atividades sociais em sua nova condição de empregados do clube. Praticamente só o Botafogo, que dispunha da equipe campeã da cidade constituída apenas por brancos, se ^uopõe ainda ao profissionalismo.

Interrompido o campeonato nacional de seleções estaduais pela revolução paulista de 32, Rivadávia Corrêa presidente da federação carioca concebe um ousado plano de levar uma seleção nacional ao Uruguai formada por jogadores do Rio de Janeiro para equilibrar o orçamento da AMEA. Para enfrentar com alguma chance o time uruguaio, campeão mundial em 30, é decidida a convocação de jogadores negros e mulatos, inclusive de Leônidas, apesar de todas as acusações que lhe eram feitas. Renato Pacheco, presidente da CBD, tenta proibir a ida do jogador, porém seu talento incomum acaba por lhe garantir a escalação no time. A viagem de navio transcorre sob tensão tanto pela "má fama daqueles jogadores", quanto pelos

boatos das possíveis compras de jogadores brasileiros pelo futebol uruguaio, o que leva Castelo Branco, que lidera a delegação, a impor um termo de compromisso aos jogadores, garantindo suas voltas para seus times de origem.

Em Montevideu os jogadores são seguidos por ordem do embaixador brasileiro, preocupado que se macule o nome do Brasil. Em seus giros pela capital ⁰⁷ "Seu Cabelo Não Nega" se torna hino oficial da delegação, que colocava lado a lado Paylinho, filho de uma das famílias mais ricas do Rio, pretos como Leônidas, Domingos, Gradim, o mulato Oscarino e o branco Martins, filho de um estivador do cais do porto. O favoritismo dos uruguaio é total, afirmando os jornais quando da visita dos jogadores brasileiros ao local de treinamento do time uruguaio: los jogadores brasilenos viendo como la muove Anselmo. Algunos se quedaram bobos.

Antes da partida os jogadores são levados pelos dirigentes para uma sala com uma bandeira brasileira presa na parede. Enfileirados, o técnico Vinhaes encita os jogadores a cantar o Hino Nacional, seguido pela Canção do Soldado. Terminada a cerimônia cívica os jogadores são dispensados para se prepar^{re}em para tomar o ônibus que os levaria ao estádio. Como demorassem alguns, o técnico já na porta da concentração sobe para procurá-los. Numa sala, negros e mulatos, acompanhados de alguns outros, recebem passes de Oscarino ⁱ incorporado por um santo de macumba. Exposto aos códigos da cultura ocidental burguesa e a seus símbolos, a bandeira, os hinos pátrios, que o mobilizam em sua eficácia simbólica, o negro,

ganhando domínio dentro do futebol, trás também elementos de sua cultura, não mais temeroso em afirmar suas crenças, e mesmo passando a sensibilizar os brancos que mesmo "de ^fFora" passam a respeitar e mesmo a se utilizar de seus códigos dando continuação ao lento processo de africanização já iniciado no Brasil colônia, interrompido nas camadas superiores pela reorganização social imposta pela Abolição.

Na vitória com dois gols de Leônidas, todas as reservas são provisoriamente esquecidas, a aura do triunfo "nacional" faz que o embaixador Araujo Jorge, antes temeroso e incomodado com a presença de uma equipe tão democratizada, se abraça com Gradim, Domingos e com o grande Leônidas, negros suados, com quem no ônibus voltando para a concentração canta irmanado "O ^TSeu Cabelo Não Nega".

Os jogadores chegariam festejados pela vitória contra os campeões do mundo, a equipe miscigenada agora já glorificada pela imprensa por suas virtudes ímpares, nos dando vantagens nos confrontos internacionais e impondo um estilo brasileiro de jogar futebol, "o melhor do mundo". Leônidas logo viaja para o futebol uruguaio, de onde sairá depois dos dois gols contra sua seleção nacional já com a transferência tratada a revelia dos dirigentes brasileiros. Domingos também, já com as malas prontas para o Nacional, o grande adversário do Penharol onde jogaria Leônidas.

Os times paulistas não escondiam mais que pagavam ordenados a seus jogadores, única forma de estancar a corrente emigratória para a Itália. No futebol carioca os dirigentes

se reúnem e liderados pelo Fluminense, em 23 de janeiro de 1933 fundam a ^L Liga ^C Carioca implantando o profissionalismo. O Vasco e o América juntos, o Botafogo se nega a aceitar o novo regime, fazendo-se acompanhar pelo Flamengo e pelo S. Cristovão. Porém, o movimento profissionalizante não daria mais margem aos times amadores. O Flamengo que viaja para Montevideu e Buenos Aires com seu time, pensando em afastar seus jogadores das tentações das ofertas, só volta para o Rio em fins de abril, perdendo já ^{no} dia seguinte dois de seus melhores jogadores. O S. Cristovão quase perde todo o time, quando seis de seus atletas procuram novos times filiados à ^L Liga ^C Carioca. Era necessário que se rendessem à evidência, e logo os dois clubes se juntam ao Fluminense, aceitando o profissionalismo, deixando o Botafogo isolado em suas convicções amadoristas e racistas.

8 - O PROFISSIONALISMO E O PACTO RACIAL

Quando se exige pagamento para a entrada de pessoas desejosas de assistir a uma partida de futebol, nasce potencialmente o profissionalismo, se vinculando o esporte às indústrias de diversão. Com a definição formal do profissionalismo em 33, depois de há muitos anos ele já existir na prática, em virtude da pressão exercida pelos jogadores vindos das camadas inferiores da sociedade e pelos outros centros futebolísticos internacionais que se profissionalizam, se inicia uma nova fase com grandes mudanças para nosso futebol. Ao contrá

rio do que alguns esperavam o público aumenta nos estádios, sendo pouco a pouco deixados de lado os jogos dos times amadores uma vez que seus melhores jogadores se bandeiam para o regime profissional. A sêde de vitórias e conquistas de campeonatos das torcidas, que englobam agora grande parte da população nacional, não diminui com o assalariamento dos jogadores, apesar de algumas expectativas ^{so} legítimas num regime amador ainda perdurarem no profissionalismo. O sucesso pretendido pelos clubes não se altera, não se tornando de natureza monetária, mas continuando a visar prestígio e honra para seus associados e simpatizantes, o que se tornaria contraditório com o profissionalismo determinando modificações futuras na organização do futebol.

Os grandes jogadores negros, como Fausto, Domingos, Waldemar de Brito, Leônidas, que haviam se integrado aos clubes sul-americanos ou europeus vinculados a ligas profissionais, se reintegram ao futebol brasileiro. O Fluminense, mesmo deixando claro que profissional é empregado do clube, prefere contratar jogadores brancos, pretos só em último caso, se reforçando com jogadores da seleção paulista, como Batatais, Romeu e Hércules. O Flamengo não, logo percebendo a possibilidade de se tornar um grande clube de massa com o carisma que trariam os negros para sua camisa, atraindo para sua torcida as classes populares, contrata jogadores no São Cristovão e no Carioca. O Vasco e o América inteiramente à vontade, suas equipes no campeonato de 33 formadas por grande número de negros e mulatos. Porém, é outra equipe miscigena-

da que seria o campeão no primeiro ano do profissionalismo: o Bangu, nunca anteriormente campeão, com oito negros na equipe, e liderada pelo técnico Vinhaes, que sai do Fluminense cansado da insolência dos moços aristocráticos.

Os brancos dos grandes times, entretanto, se envergonham de se tornar profissionais. O jogador do seu meio que mudasse de time atraído por remuneração, como acontece com alguns do time do Botafogo campeão de 32, era estigmatizado, não se falava mais nele, "à maneira de um pai a antiga que fechava a porta de casa para a filha que casara sem seu consentimento ou fizera coisa pior". Pior que puta. Viver de futebol, do clube, para os amadoristas, era como viver de mulher. Pior que cafetão. O futebol com suas obrigações garantidas pelo contrato, com o rigor dos treinamentos que não podiam mais ser burlados, se associando ao trabalho, "que suja a mão e fatiga o corpo", como coisa de operário, de trabalhador braçal, de pobre, de negro. Muitos abandonam o esporte, as "boas famílias" não permitindo mais que seus filhos, mesmo extremamente habilidosos, disputassem os grandes campeonatos. Alguns clubes, os mais radicais, fecham, como foi o caso do Paulistano, um dos clubes de maior tradição no futebol brasileiro. Só o negro não se abala, o profissionalismo franco só lhe dá vantagens, já sendo conhecidas por todos as exigências financeiras que fazia para jogar nos grandes clubes.

O amadorismo perdura em alguns campeonatos que vão se extinguindo pela falta de interesse dos torcedores, passando a se localizar, pelo menos formalmente, nas divisões infe-

riores de juvenis, quando os jogadores, menores de idade, são provisoriamente mantidos fora do regime profissional. No entanto, na medida que se valoriza o mercado de jogadores, e esses passam a ser recrutados exclusivamente nas classes populares, se organizam formas pseudo-amadoristas com a conivência das federações, da legislação esportiva e dos clubes, se vinculando os jogadores juvenis aos clubes através de "contratos de gaveta", ^{os} preparando-se para disputar as posições nas equipes das divisões principais num mercado de trabalho que se torna altamente competitivo.

O Botafogo que continuava a se opor cerradamente ao profissionalismo, utiliza-se da CBD às vésperas da Copa de 34 para contratar profissionais veladamente, enquanto resolve seus problemas internos, especialmente com a intransigência de um grupo de sócios liderados por seu presidente Paulo Azeredo. Fica famosa a madrugada que Carlito Rocha leva oito horas, para convencer Azeredo a aceitar o profissionalismo, com a inclusão de Leônidas no Botafogo, já sob contrato com a CBD. Finalmente, depois de tentar várias saídas, inclusive a de mudar a camisa alvi-negra para que não se maculasse com a nova ordem, a manhã do dia 11 de maio encontra o futebol carioca novamente reintegrado, e Leônidas em sua nova equipe.

Nos jornais as grandes estrêlas negras são eufemisticamente chamadas de colored, como se o velho inglês como língua litúrgica do futebol pudesse exorcisar ^{os} demônios dos conflitos raciais e sociais profetizados pelo futebol. São acentuadas as habilidades instintivas do negro, aguçadas pelo sang

ba e pela capoeira, e sua vitalidade desenvolvida no trabalho braçal. Porém, aí do negro que se destacasse intelectualmente, como é o caso de Gentil Cardoso, um dos grandes técnicos do futebol brasileiro, antigo marinheiro, homem de extrema capacidade de observação e inventiva, que ousa instruir seu modesto quadro do Bonsucesso com o auxílio de um quadro negro. O Bonsucesso surpreende os grandes clubes com seus jogadores desconhecidos, entre os quais Leônidas em início de carreira, mas nas derrotas a imprensa se cobre de charges ridicularizando um negro beijado no quadro negro macaqueando o branco letrado.

O futebol abre um espaço importante para a ascensão do negro, "dar pontapés numa bola era um ato de emancipação, como diz Anatol Rosenfeld, porém, se oferece a uma minoria de negros vantagens econômicas e sociais, não os torna iguais perante a camada superior. O ídolo é extremamente bem pago, endeusado pela imprensa e mimado pelo torcedor, vivendo a situação extraordinária do jogador, desde que não ultrapasse os limites que o separam do branco aristocrático, desde que não ouse botar a mão nas moças de "boa família", ou falar coisas a não ser com seus pés. Se o jogo se desenvolve irresistivelmente como expressão máxima da nacionalidade, e as massas impõem sua presença nos estádios e nos campos, em contrapartida, o futebol é a partir daí visto como uma atividade tipicamente popular, sendo retirada ^o o status e o glamour que cercavam seus antigos praticantes. O jogador é agora compreendido como empregado do clube, de quem se espera uma perfor-

mance árdua e brilhante contra o pagamento do salário e das luvas que sobem astronomicamente no caso da minoria vinculada aos campeonatos das principais capitais. Sua posição de exceção passa a ser veiculada como vitrina das classes populares, tornando-o invejado e admirado pelos membros de sua classe, para quem a profissão de jogador de futebol passa a ser a grande possibilidade de ascen^Sção extremada para o negro e o branco pobre na sociedade brasileira.

Os grandes ídolos negros vindos do amadorismo vivem superlativamente a situação contraditória do jogador reforçada pelo profissionalismo, cada um explorando suas qualidades e sua vivência, deuses finitos unidos pela cor de sua pele. Fausto chega ao profissionalismo já em fim de carreira, tentando se superar para aproveitar das novas vantagens econômicas, já que tudo que ganhara se consumira em sua vida atribulada no pré-profissionalismo. No Flamengo com a chegada do húngaro Kruschener, é deslocado de sua posição de centralizador de todo jogo, para a zaga. Não aceita, se insubordina e é afastado por meses, os salários reduzidos. É forçado a se humilhar para o presidente do clube e para o treinador para voltar aos campos, mesmo assim porque era exigido pela torcida, já que seu fôlego não dava mais para dois tempos. Apesar de diagnosticado como tuberculoso pelo médico do clube joga até o fim, "depois da partida ganha pelo América, Fausto passou mal do vestiário, foi levado para casa de táxi, mal pôde dormir à noite e teve uma hemoptise no dia seguinte. Ficou alguns dias de cama, não saiu de casa no Natal e no Ano

Novo, mas tão logo se sentiu melhor, voltou ao Flamingo para o primeiro individual de 1939. Ali mesmo, no campo, uma vertigem obrigou-o a recorrer ao dr. Nelson Tinôco, nova hemoptise, febre alta, o corpo sem reagir, fim se aproximando. Mas o médico viu ainda uma chance: "Não adianta resistir Fausto. Você tem que ser internado". Não resistiu nem pensou sequer resistir. Para que?" 12

Fausto morreria pouco depois num sanatório em Palmira, o Flamengo recusando-se a cobrir as despesas de seu enterro. Jaguaré, seu companheiro de aventuras na Europa que voltara ao Vasco com o profissionalismo, depois de uma temporada ruim é dispensado do time passando a se defender em equipes de menor expressão no interior. "Jaguaré porém, estava com a cabeça quase branca cheia de recordações do Rio, de Madrid, de Paris. Das capitais do futebol. Não demorou muito e veio um telegrama de outra cidadezinha do interior de S. Paulo. Jaguaré discutira com uns soldados, levava uma surra, ficou cara atirado na lama. Quando amanheceu estava morto, as moscas em cima dele. A polícia nem quis saber como ele tinha morrido. Enterrou-o como indigente e não se falou mais em Jaguaré". 13

Leônidas e Domingos na flor da idade, continuam como grandes estrelas do futebol. Leônidas, principalmente depois de sua participação na Copa de 38, não jogando na única partida em que a seleção brasileira foi derrotada, torna-se no grande ídolo popular da época. Os torcedores, sempre bem recebidos por Leônidas, o cumulam de favores e de dinheiro como

locado paternalmente no bolso de seu casaco. Aparece em inaugurações de lojas de comércio, em anúncios de rádio, chegando a fazer conferência inclusive no Teatro Municipal de Belo Horizonte, contando sua carreira e o gol na Copa, contra a Polônia, quando fingindo amarrar a chuteira devolve de bicicleta o tiro de meta do goleiro para dentro do seu arco, confirmação internacional da destreza e da astúcia da raça brasileira.

Domingos não, distante e intocável, acompanhado por um secretário que resolve todas as questões pequenas do seu quotidiano, ^Dna conta no restaurante até o novo contrato com o presidente do Flamengo. Não se permite nem por um momento se humanizar na presença do público que logo o humilharia com seus favores financeiros. Mas como tratar com Domingos? O branco das classes superiores acostumado com negros sempre em posições subalternas. Conversar de igual por igual impossível, "diferenças culturais", e o negro não gostava de ser tocado, e não aceitava nem um presentinho. Pernóstico. Nem lhe interessava, como Leônidas, a imprensa, ávida pelos pequenos detalhes de sua vida privada. Só lhe importava figurar no dia seguinte dos grandes jogos, "atuação perfeita", "o melhor ^{em} de campo". O negro para se impor ante os brancos tendo que ser um super-homem. Só em Bangu, cercado por seus irmãos e amigos antigos, Domingos se reconhecia no meio dos seus. Sempre impecável nos seus ternos sóbrios, lá andava de calção até pela rua.

No futebol, percebe-se, uma vez apenas entrevista

sua trama interna e a distância que separa sua ordenação formal de sua prática real, a incompatibilidade entre a implantação da democracia no Brasil e a herança sócio-cultural das classes dominantes, com seus hábitos de mando e sua concepção do uso do poder, compreendendo as relações sociais simplesmente como o desenvolvimento de hábitos de subordinação e obediência, facilitados pela introjeção culturalizada nas classes dominadas de hábitos de submissão e vassalagem. É principalmente, através da esfera das relações raciais, cujas estruturas arcaicas foram produzidas no antigo mundo social da sociedade escravagista, que o regime de classes, formalizado através da democracia burguesa, ganha sua feição brasileira, numa das versões do capitalismo-humanista-liberal-tropical mais complexas e duradouras.

O momento da introdução da civilização ocidental moderna no Brasil testemunharia o encontro de dois movimentos só aparentemente contraditórios: o movimento abolicionista, e o aparecimento das teorias das diferenças inatas entre as raças. Difundidas no Brasil principalmente por Gobineau, o sábio francês amigo de Pedro II, e depois por Nina Ribeiro, Oliveira Viana, etc., essas teorias afirmando a superioridade ariana, são imediatamente aceita^s pelas elites, desenvolvendo sobre o caso brasileiro a sub-teoria da degenerescência latina que culpava os portugueses por sua avidez^z libidínosa por membros das raças "inferiores", razão de um povo débil e primitivo.

O mito da democracia racial, do qual o futebol foi

não só o laboratório mas é um dos principais sustentáculos, como expressão ideológica de uma sociedade que não deixa, e não pode deixar se quizer ^S reproduzir sem transformações radicais, que o seu corpo social, e principalmente suas classes inferiores, percebem ^A a descontinuidade de sua linguagem aberta com seu comportamento fechado. O mito da democracia racial fazendo parte do mito maior: o da democracia burguesa.

É valorizado o negro humilde e trabalhador, louvado o sambista e o jogador, sem se esquecer dos atributos da mulata, enquanto é dificultado o trânsito social dos membros da comunidade negra fora dos estereótipos dados em função da intensidade de suas marcas raciais e culturais reveladoras de sua ancestralidade negra, mas permitindo casos excepcionais, fazendo crer que a posição superior das classes dominantes de corre de suas qualidades inatas. Ao mesmo tempo, se processa a desculturação parcial dos contingentes negros e índios, estes principalmente se falando de seus mestiços, para a incorporação de sua força de trabalho. Permeando tudo, o ideal da sociedade brasileira sem preconceitos e portanto moralmente superior mesmo às mais desenvolvidas e principalmente aos Estados Unidos, ao contrário de nós, maculado por sua intolerância racial. As barreiras e as separações existem, porém, afirmam, seus critérios são culturais e não raciais.

O negro se compreendendo a partir da ideologia racial do branco, o que facilita seu ajustamento às novas situações sociais emergentes, como no caso do jogador de futebol. Seu sucesso isolado o distancia de sua comunidade de origem,

e fazendo assumir uma postura individualista e pragmática, vivendo o momento, gozando de seu novo prestígio e de seu subitamente adquirido poder de consumo, usando das armas e dos valores das classes dominantes e até se tornando em seu provisorio parceiro. Os êxitos econômicos e o sucesso profissional se combinando com malogros morais.

O futebol como instrumento de mascaramento e submissão, se constituindo entretanto numa das linguagens mais desenvolvidas dentro da sociedade brasileira pela liberdade de expressão atribuída inusitadamente aos membros das classes populares e assim, também instrumento de afirmação da comunidade negra e do lento processo de desenvolvimento de um curso civilizatório negro-brasileiro.

PARTE II: O FUTEBOL BRASILEIRO E O NEGRO

I - O ESTÁDIO

ESPECTADORES
JUNTAMENTE
EM GRUPOS:
ESTÁDIO SEM
DIVISÕES

1

Quando aparecem os primeiros campos de futebol, geralmente nos clubes das colônias estrangeiras, seus primeiros expectadores se acomodam de maneira informal para assistir as partidas, alguns apoiados nas cercas que envolvem os gramados, as moças sentadas em cadeiras de palha se cobrindo com guarda-sol. O Fluminense, que entre seus sócios tem alguns dos homens mais ricos da época, em 1902 aluga uma chácara na antiga rua Guanabara, mais tarde, já depois demarcado e aplajado o campo, comprando Eduardo Guinle o terreno definitivamente. Eduardo, um dos fundadores do clube, constrói mais tarde e por sua própria conta uma arquibancada de madeira terminada em 1905, cobrando alugueis ao clube. As dependências dos expectadores eram inicialmente sem divisões revelando a homogeneidade social dos primeiros torcedores do futebol brasileiro.

2

Com o desenvolvimento do futebol, o Rio é escolhido em 1917 para sediar o campeonato sul-americano a se realizar em 19, e atendendo aos apelos da CBD, o Fluminense contrata no Banco do Brasil, sob a forma de desconto, com o endosso particular de seu presidente Arnaldo Guinle, obrigações que ultrapassavam a soma de 2.000 contos de réis, iniciando a construção de um estádio que seria o maior e o mais moderno do Brasil em sua época. Suas dependências, em virtude da de-

— OS PRIMEIROS ANOS DA HISTÓRIA
DEFINITIVAMENTE NEGATIVADO

mocratização crescente do esporte, que atrai para os jogos membros de todas as classes sociais, passam a ser separadas : as cadeiras reservadas aos sócios, ^{E AS GERAIS,} e as arquibancadas, ~~onde~~ onde qualquer um pode entrar sob o preço de um ingresso. Em 1919, o novo estádio é inaugurado com a vitória do time brasileiro no Sul Americano e em dezembro é realizado o jogo final do campeonato carioca que daria o tri ao Fluminense. JÁ MERECENDO A PRESENÇA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA. "As 15 horas e trinta minutos, quando ainda jogavam os segundos quadros, chegou ao estádio, acompanhado do Ministro da Marinha e do Chefe de Polícia, o Dr. Epitácio Pessoa, presidente da república. A partida foi suspensa por cinco minutos; os jogadores formaram diante da tribuna de honra e a banda do Batalhão Naval executou o Hino Nacional". 14

TRIPES
TUBA PILES
PO
ANARQUISMO

Os chefes de governo brasileiro passariam a partir de Epitácio a comparecer periodicamente aos estádios de futebol, mesmo que pessoalmente não gostassem do jogo, os grandes jogos tornado^{se} no momento^{do} encontro "possível" dos líderes políticos com a grande massa. Porém, era necessário para o político saber aparecer, o momento exato, e principalmente se fugir a interferir no andamento do espetáculo, como atesta o episódio de Washington Luiz com Feitiço. O melhor era uma entrada discreta, acenos a multidão quando sua presença era anunciada no alto-falante, e não deixar o sorriso cair ao ouvir as vaias da torcida no fundo, agradecendo os aplausos vindos da tribuna de honra e das cadeiras de sócios.

LOWYARD: EPITACIO FEITICO

O estádio de S. Januário do Vasco da Gama, ^{inaugurado em 1927,} supera em tamanho o do Fluminense, se tornando no grande palco dos

jogos decisivos durante duas décadas. Vargas passa a usar o
 estádio fora do dia dos jogos, principalmente para as grandes
 concentrações de operários no dia da classe. "Local das gran-
 des decisões e do encontro da massa da torcida com seus ído-
 los, São Januário se tornaria também o ponto de encontro pri-
 vilegiado do pai dos pobres com seus filhos, local preferido
 pelo Chefe de Estado para celebrar ritualmente a sua aliança
 com as classes trabalhadoras urbanas. Celebração que adqui-
 ria contornos de monumentalidade e de grandeza devido às di-
 mensões do estádio e à sua forma, que facilita de todas as ma-
 neiras possíveis a convergência dos olhares e dos interesses
 para um palco, seja o campo propriamente dito, seja a tribuna
 de honra. Que o ator fosse Domingos da Guia ou Getúlio Var-
 gas, eis algo que não parecia importar muito. Interessava que
 a platéia pudesse fixar suas atenções sobre aquele que se re-
 conhece como o ator no espetáculo". 15]

A utilização dos estádios esportivos com fins polí-
 ticos não foi privilégio nem invenção de Vargas, o próprio Hi-
 tler na época se valhia das características arquitetônicas das
 construções esportivas para grandes espetáculos cívicos, che-
 gando até a se utilizar de uma grande competição, as Olimpí-
 das de Berlim, para a afirmação da Alemanha e de suas teorias
 raciais, aliás, com resultados bastante frustrantes. Muito
 anteriormente, nas arenas romanas, os combates esportivos ti-
 nham no imperador uma figura central, decidindo com o movimen-
 to do polegar o desfecho das lutas, a demonstração do poder
 através de uma relação contraditória com a massa, as vezes a-

S. JANUÁRIO
 ESTÁDIO
 FILANTRÓFICO

FILANTRÓFICO
 ESTÁDIO
 (1911)

(1911)

tendida em suas simpatias, em outras frustrada, reiterada sua impotência, e garantida com a força sua passividade. "O soberano não se perdia em discursos, não conclamava os "trabalhadores (ou plebeus) de Roma", nem tampouco ouvia gritos de "Heil César". A política e a ideologia não ocupavam no estádio o espaço e o tempo do esporte (ou do lazer) das massas, exerciam-se através deste. O imperador era, ao mesmo tempo, expectador e juiz, sonho e modelo utópico de todo torcedor de futebol, sem dúvida". 16

Em 50 surge o Maracanã, o "maior estádio do mundo", construído para a Copa Jules Rimet, marcando uma mudança de mentalidade estatal frente ao futebol. Desta vez é o governo que constrói o estádio, única força capaz de uma obra de tal porte, sendo este propriedade da municipalidade. O Maracanã não seria local da manifestação direta do poder, como acontecera durante o populismo, mas local onde a massa seria dividida de forma mais precisa, disciplinada pela sintaxe social já extremamente articulada do novo estádio, testemunha no desenvolvimento e das possibilidades extra-esportivas percebidas em nosso futebol. Se o Maracanã define uma nova forma de ver o jogo para o expectador, agora distante do gramado, separado por fossos e pelo aparato policial, localizado segundo sua característica sócio-econômicas e sua preferência clu- bística, definiria também um novo estilo de participação para o representante do poder. Sua presença antecipada e enfatizada pelos modernos meios de comunicação, destacada pelo vermelho da tribuna de honra, se tornaria agora de uma forma explí

FILME
DIRETOR
VARRA

7055
31/1/50

FILME
DIRETOR

7055
31/1/50

5

6

7

cita em um ritual público de manifestação dos ideais democráticos. Humanizado pelos jornais e rádios que vinculam suas preferências clubísticas, e suas simpatias por determinados jogadores, e por flashes da televisão que o flagram imerso nos acontecimentos do jogo, o presidente é um mero expectador que recebe máxima visibilidade, voltado como os demais torcedores para o espetáculo cujas regras todos conhecem e aceitam como legítimas, e como todos impotente para determinar seu destino e resultado.

↑

FOI
NOSSO
ESPANHO

A partir da conquista dos campeonatos mundiais são construídos grandes estádios nas principais capitais, tomando como modelo o Maracanã. Com a progressiva estatização do esporte, e o início das campanhas de integração nacional através do futebol, os incentivos para a construção de estádios monumentais são estendidos às capitais menores e mesmo às cidades do interior, onerando as verbas municipais e forçando um crescimento artificial nos meios futebolísticos locais, frequentemente com resultados desastrosos. "Chega a ser preocupante que Brasília esteja vendendo o seu estádio. Há poucos anos fazia-se uma grande campanha em todo o país pela construção de estádios. A moda começou precisamente com a Taça Independência(.....) A idéia era sempre a mesma: integrar o país através do futebol(...) entraria no Campeonato Nacional todo time, de qualquer cidade, que fizesse um estádio com determinadas condições de capacidade e conforto(...) Foi o tempo, nada modesto, dos colossos e denominações terminadas em ão. Brasília também construiu seu estádio, sem que ao menos pro-

curasse verificar se havia na cidade interesse por algum clube local. Não havia. O CEUB, de pitoresca passagem no Campeonato Nacional, fechou as portas. E agora o estádio está à venda (...). É quando chegará a vez de alguns outros, de lugares onde a mania de grandeza levou a construir com capacidade maior do que a população da cidade?" 17

FILMAREM
ESTE
ESTÁDIO

O estádio materializa o sonho de ordenação das grandes massas humanas respeitadas suas separações inter-classes, permitindo que se trace uma analogia entre a divisão do espaço da platéia e a efetiva divisão do espaço social na sociedade brasileira. As separações nos estádios obedecem a critérios, desde profissionais - os locais da imprensa, os vestiários dos jogadores, do juiz, a sede da polícia, da administração, o pronto socorro - até políticos - a tribuna de honra para os representantes do poder e seus convidados - e sócio-econômicos, - mais caros os lugares individuais oferecendo melhor visibilidade de jogo, mais conforto, mais baratos os lugares comuns, não individualizáveis, ocupados pela massa - entretanto sem que essa divisão funcione de forma mecânica, reforçando a idéia de consenso, de escolha, os conflitos redefinidos em função das escolhas clubísticas. No estádio se desenvolve um processo de continuidade/descontinuidade com a realidade exterior, as novas comunidades de torcedores reunindo membros das diversas classes.

A arquibancada com suas características, permite que provisoriamente se concretize o mito da ação democratizante do esporte. Permitindo uma visibilidade do espetáculo qua-

se tão boa quanto a tribuna de honra, principalmente em sua área central que se defronta com aquele setor especial, proporcionando um relativo conforto aos assistentes sentados em seus degraus de concreto, e mantendo seu ingresso a um preço médio, não tão baixo quanto a geral mas só pouco mais caro, nem tão alto quanto as cadeiras - a arquibancada reúne ^diníviduos das mais diversas camadas sociais, reagrupados nos lugares previamente marcados de cada torcida, onde juntos, e irmãos pelo carisma de seus clubes de devoção, por duas horas se esquecerão das distâncias e dos antagonismos que os separam no quotidiano.

2 - O FUTEBOL E A VIDA, O TORCEDOR

"O foot-ball teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou para-sociológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente - pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa - de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do foot-ball - ou de algum equivalente de foot-ball - na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio". 18

As "energias psíquicas" e os "impulsos irracionais" explicados por Gilberto Freire pela presença de "elementos primitivos" na cultura brasileira, por quem seriam responsabilizados os contingentes negros e índios integrados na sociedade nacional, ao solvido o branco civilizado e civilizador, tornam sua argumentação etnocêntrica no mínimo questionável. Entretanto, a contribuição do futebol à preservação da "moralidade dominante", sublimando sejam pulsões arcaicas emergentes, ou as tensões provocadas pelos desequilíbrios estruturais e pela limitada e inadequada oferta de oportunidades em nosso sistema social, fator por ele omitido, é inquestionável.

ESM 1

O futebol, a partir de sua democratização, se tornaria num instrumento eficaz na fixação de crenças e significados de extrema relevância dentro da lógica do sub-desenvolvimento, servindo para acomodar elementos contraditórios de nossa formação social e cultural, a partir das possibilidades imediatas de se estabelecerem analogias entre a vida quotidiana e as circunstâncias do jogo. A partir de suas regras e das características próprias que se circunscreveram à sua prática, processos econômicos, sociais e culturais, podem no jogo serem representados e ideologizados, a partir de seu objetivo central, a competição, e de sua dinâmica própria que concilia o individualismo com o esforço solidário. O jogo, como um processo multiplicador de situações problemáticas em que grande número de decisões individuais ocorrem incessante e simultaneamente ordenadas pelos objetivos comuns da equipe, surge para o torcedor como uma simulação intensificada do seu

RELACIONES/IDENTIDADES

DONALD SIMON

PL. SIMON - TRIND

próprio ^Cquotidiano, impondo seus procedimentos como uma verdadeira educação para a vida, legitimando formas de conduta social que enfatizam o esforço e a agressividade. É, para os iniciados, o futebol demonstra como lição última que as regras só existem no campo para serem burladas com artimanha, mas que só um otário pretenderia modificá-las.]

[O futebol não somente imita a vida, mas a enriquece e complementa, já que para a maioria o ^Cquotidiano não é tão rico, tão variado, ou tão intenso, quanto uma partida, permitindo que através dela se viva um tipo de experiência da qual muitos nunca desfrutam no mundo concreto. E vivê-la fag-tasticamente é melhor do que não vivê-la, já que o futebol não expressa somente impulsos violentos e revanchistas carregados pelos antagonismos sociais, mas também através dele emergem reivindicações básicas de solidariedade grupal e de liberdade lúdica que se preservam na festa da torcida e na linguagem sempre recriada do jogo.]

2.2 [Os torcedores de um mesmo time passam por momentos a se auto-identificarem como grupo homogêneo, independente de classe, raça ou de qualquer outro fator de diferenciação pertinente na vida social. Entretanto, além da experiência visceral promovida pelo futebol, se estabelece uma consciência reflexa derivada da interpretação do fato esportivo, imediatamente manipulável e mascaradora. "O cartola e o frequentador da cadeira numerada sentem-se liberais, democráticos, tolerantes, altruístas no domingo de futebol. Depois de passarem a semana inteira procurando diferenciar-se, estabelecer

distâncias convenientes e reforçar sua própria posição, chega o domingo, oferecendo-lhes uma oportunidade preciosa para simular exatamente o contrário. O torcedor sem ingresso e o torcedor de geral sentem-se participantes de uma experiência que atinge também a gente mais rica, mais sofisticada, mais culta, mais influente, ou mais qualquer outra coisa. Disso decorre um sentimento de que no fundo, nem que seja bem no fundo, somos todos iguais. Em resumo, o torcedor de classe alta sente-se igual, sem necessidade de abdicar da sua posição de classe; o torcedor de classe baixa sente-se igual, apesar da sua posição de classe.(.....) O futebol dá ao torcedor a possibilidade de assumir os aspectos positivos da participação, sem necessidade de arcar com o lado negativo da mesma". 19 |

2.1 | O torcedor vive e morre provando seu amor pelo clube. Fazendo sua escolha ainda criança, às vezes por identificação com os pais ou com amigos, às vezes a partir de processos subjetivos mais complexos, passa a acompanhar os jogos do seu time presente ou não aos estádios, sustentando sua paixão no trabalho ou nos momentos de lazer. Seu momento culminante é vivido durante as partidas, no meio da torcida, identificado com seus companheiros de clube, separado da torcida adversária tornada em inimiga terrível, com a qual só a distância e a vigilância policial impede a luta. Ou então colado ao rádio, inteiramente imerso na narrativa dos locutores às vezes chutando no vento empatizado com seus ídolos, gozando os rivais nas vitórias, ofendido, silencioso na derrota.

SEÇÃO 3

No início do futebol carioca, os primeiros torcedores eram os sócios dos clubes que reuniam as colônias estrangeiras e os membros da aristocracia nacional urbana, depois se identificando com as equipes os moradores do bairro e os parentes e amigos dos jogadores. As platéias homogêneas, com senhoras bem vestidas, aplaudindo elegantemente os melhores lances, se comportando de acordo com os padrões impostos pelos hábitos esportivos europeus. Só com a vulgarização do esporte é que se desenvolveria uma forma brasileira de torcer, exuberante, violenta, chula, sacana, os membros das camadas populares identificados com os times aristocráticos, vivendo seus mitos mas herdando novas características, formando uma tradição que distinguiria as torcidas entre si, criando alianças e rivalidades.

MEXICANA NA LUGAR DO 2.º QUARTIL
PLANOS: BOFTE PR 50 / ARLEANA
DE 58

SEÇÃO 4

É a partir dos anos trinta com o populismo que o futebol se afirmaria como principal forma de lazer das massas urbanas, interessando particularmente ao Estado que percebe, principalmente com a afirmação da seleção nacional nos jogos internacionais, a possibilidade de integrar as classes trabalhadoras de origens diversas à nação brasileira e à órbita das ideologias oficiais. O futebol ocupando um papel central no processo nacional de socialização, formando estereótipos de personalidade correspondendo a própria estrutura social, e à conjuntura da passagem de um capitalismo de livre competição para um capitalismo organizado, quando com a concentração do poder social nas mãos da administração social e política, aspectos antes privados da existência são submetidos ao

controle e a manipulação, visando a reprodução do sistema.

87.21.4 | A participação no futebol passa a ser irresistivelmente enfatizada pelos meios de comunicação de massa, e, principalmente depois das vitórias nos campeonatos mundiais, por campanhas governamentais. As torcidas clubísticas também se sofisticam, se organizam, passando cada grande clube a contar com inúmeros grupos de torcedores reconhecidos perante sua organização, com diretorias próprias, bandas, baterias, corpos de segurança e sedes nos estádios, redefinindo o "torcer" como um espaço de permissividade catártica controlada.

| O futebol "é uma forma permanentemente em busca de novos significados. Mudam as condições históricas, permanece o futebol, ^{MAS} e mudam seus significados e funções sociais. Amplia seu alcance social, conquistando novos grupos e classes sociais, quer como torcedores, quer como praticantes, se constituindo, como um emissor/receptor de elementos ideológicos não aprisionável permanentemente por interpretações unívocas". 20

| A medida que cresce sua visibilidade dentro da sociedade brasileira, fruto tanto do desenvolvimento de uma linguagem própria de jogar, como através da manipulação deliberada do esporte para objetivos extra-esportivos, aumenta seu poder e sua influência sobre a massa de torcedores, dependendo seus significados futuros para a sociedade brasileira não só dos resultados dos jogos, mas do próprio jogo político, e do desenvolvimento das relações sociais.

3 - NACIONALISMO ESPORTIVO

Apesar do futebol inicialmente ter se articulado como uma prática esportiva privilegiada, atendendo às necessidades de ~~muita~~^{MUITA} integração dos membros da burguesia e aristocracia nacionais com as colônias estrangeiras não-proletárias, a partir de sua irreversível democratização passa a ser compreendido como expressão típica da nacionalidade brasileira. A fragilidade do sistema cultural nacional, típica do desenvolvimento das versões da sociedade global nos países subdesenvolvidos, quando as tradições populares são subestimadas e dificultadas em sua reprodução ou então apropriadas e retraduzidas de fora, enquanto as classes superiores se mantêm em sua maior parte imersas no colonialismo cultural, importando valores, hábitos e modismos das metrópoles - facilita a rápida assimilação do futebol no Brasil. Sua democratização, determinando uma apropriação desavergonhada e extremamente criativa dos códigos futebolistas ingleses, levaria o futebol brasileiro a grandes triunfos internacionais, num sucesso sem precedentes ou sem paralelo em qualquer outro campo de atividades nacionais.

A participação crescente das classes populares no futebol, que se cristalizaria e seria regulada com a instituição do profissionalismo, paralelamente ao processo de reajustamento e expansão do mercado de trabalho nacional, reabsorvendo as camadas de trabalhadores libertos e marginaliza^{dos}ção pela Abolição, faz que esse esporte desempenhe um papel ideo-

lógico decisivo, não só difundindo o próprio sentido de brasilidade, unificando indivíduos de diversas origens nacionais e culturais mas afirmando a imagem de uma sociedade aberta e sem barreiras sociais ou raciais, onde todos poderiam repetir o trajeto do super-craque que veio do nada.

O Brasil unido em torno de sua seleção como algo monolítico e univocamente representável, o futebol produzindo e caracterizando a própria nacionalidade, magnificando e distinguindo o homem brasileiro nos confrontos internacionais. Ma- landro, gozador, improvisador genial, o jogador brasileiro, o brasileiro, a mestiçagem produzindo um novo homem que se afirma nos campos superando o europeu dos países desenvolvidos, fortes mas "sem malícia", "sem cintura", organizados mas sem criatividade. Se o futebol celebra as virtudes do brasileiro, nas derrotas se explicita o lado negativo ^{DA} "raça", seus defeitos e falhas lamentados, o triunfalismo exacerbado nas vitórias e a valorização negativa dos adversários substituído pelo reconhecimento de sua superioridade e pela valorização de sua organização esportiva, de seu desenvolvimento tático e da excelência física de seus atletas. O retorno dos sentimentos de inferioridade que permeiam nossas classes dominan- tes veiculados pelo esporte ^{PARA} ~~por~~ todo corpo social, metaforiza- dos pelos argumentos do "subdesenvolvimento esportivo", "da incapacidade tática do jogador brasileiro", "da fragilidade de uma sub-raça que se borra na hora das grandes decisões."

Já nos albores da civilização ocidental ⁵ não reati- ^A vadas práticas arcaicas de socialização, se atualizando na

competição esportiva antigos ritos afirmativos da coesão grupal. Os Jogos Olímpicos gregos, paradigma de todo³ esporte moderno, já se constituíam como significativa manifestação das estruturas e valores exaltados pelos helenos, associando ambigualmente ideais de paz e fraternidade com uma prática explicitamente classista e militarizante. Com a difusão do desporto e da ginástica na sociedade capitalista industrial nos jogos Olímpicos modernos, novamente se afirmariam os ideais helênicos atualizados pelas novas estruturas sociais. Apesar das palavras fraternas de Coubertin, o esporte se caracterizaria nas competições internacionais como o enfrentamento político direto entre as nações engajadas, o mito olímpico do mais apto extrapolado e funcionalizado à nova conjuntura mundial, às divisões em blocos antagônicos, e à guerra fria.

Um dos exemplos máximos do nacionalismo esportivo foram as Olimpíadas de Berlim, organizadas principalmente como afirmação da superioridade racial e ideológica do povo alemão, objeto de algumas considerações posteriores e extremamente realistas do próprio Barão de Coubertin à propósito das críticas francesas aos objetivos extra-esportivos impostos à competição: "Os jogos desfigurados? A idéia olímpica sacrificada à propaganda? Mas isso é inteiramente falso. O êxito grandioso dos Jogos de Berlim serviu magnificamente o ideal olímpico. Os franceses é que não compreendem, ou não querem compreender. É preciso deixar expandir, com toda liberdade, a idéia olímpica, sem temer, nem a paixão, nem o excesso, que não de proporcionar a febre e o entusiasmo necessário. Obri-

gar os desportos atléticos a um regime de moderação, é correr atrás de uma utopia..." Mais adiante na entrevista publicada em agosto de 1936 no "Journal de Paris", define Hitler como "um dos maiores espíritos e um dos maiores construtores da atualidade por ter servido o ideal olímpico, evitando, a tempo, a sua desfiguração".

A modernidade veria o heroísmo esportivo como complementar ao heroísmo militar e à santidade moral e religiosa, se compreendendo seus grandes ídolos como afirmação dos valores nacionais e imediatamente tornados em instrumento para a imposição de consciências nacionais triunfalistas. As grandes competições internacionais adquirindo uma estética pré-fascista, através do decalque do cerimonial militar, os atletas marchando na inauguração das competições carregando as bandeiras nacionais, o time de futebol postado rigidamente para o hino antes da partida decisiva.

Os esportes profissionais seriam mais propícios para a afirmação dos países sub-desenvolvidos ou das minorias étnicas dos países centrais, mobilizando os membros das massas desprivilegiadas que passam a ver nas equipes de futebol ou nos rings de box, sua possibilidade quase única de sucesso social. No futebol, a partir de 30 começam as Copas do Mundo disputadas por equipes profissionais, competição que progressivamente se afirma internacionalmente só tendo equivalente em termos de prestígio nas próprias Olimpíadas. O Brasil que participa modestamente das duas primeiras, cindido pelos antagonismos regionais e por sua inexperiência em confrontos des-

ta natureza, depois da unificação do futebol brasileiro^o em 37 se torna em um dos grandes disputantes da competição. Já em 38 chega ao terceiro lugar com uma grande equipe, sendo só derrotado^s pelos italianos, que ganham o campeonato, servindo a vitória para grandes ^{Ej}celebrações cívicas no governo de Mussolini. A Copa de 50 patrocinada pelo Brasil, e marco, com a construção do Maracanã, de toda uma reestruturação do futebol nacional, definindo o Estado sua colaboração imediata, serve para se perceber a importância que o futebol ganhara como instrumento de fixação de uma identidade nacional. A derrota na partida final é compreendida como a derrota da própria nação e mais uma vez atribuída às características raciais do jogador brasileiro, razão de sua debilidade física, intelectual e moral, que o inferioriza no confronto com os povos arianos mais vigorosos, o que determinaria um retrocesso no caminho de ascensão do negro na sociedade brasileira.

"Numa fração de segundo, crenças e idéias que vêm se firmando devagar no consenso geral são "definitivamente" sedimentadas, ou "definitivamente" destruídas. Definitivamente significa, neste caso, até o próximo jogo em que estiver novamente em cheque toda a "alma da nação". 21 Se o Maracanã simbolizava a definitiva afirmação do futebol e do povo brasileiro, a derrota susta o processo, deixando todo o país arrasado com a derrota da nacionalidade. A bofetada que todos recebem de Obdulio Varela, a covardia do time brasileiro na Copa de 54 nas vésperas da partida com o legendário escrete húngaro, levando alguns jogadores a comer pasta de dente para provocar

desarranjos intestinais que os desabilitariam para a partida, remoidas por todos, lembradas pela imprensa, discutidas nos relatórios da CBD novamente se-especulando sobre a necessidade de enviar equipes brancas para os confrontos internacionais. O futebol se torna uma paixão doída, o orgulho com a habilidade do jogador brasileiro calado pelos contínuos fracassos nos torneios mundiais. A integração do negro sofre um novo retrocesso a espera de um ídolo que salvanize a massa superando os povos europeus, em relação a quem se renovam os sentimentos de inferioridade.

Finalmente surgem as grandes vitórias nos campeonatos mundiais de 58 e 62, o Brasil se eleva internacionalmente impondo seu "futebol arte" sobre a "vitalidade burra" dos europeus. O campeonato conquistado transcendendo à esfera esportiva, compreendido com a confirmação das virtudes nacionais, de um povo onde "as raças vivem em harmonia, se miscigenando livremente". A organização interna da seleção nacional mais ou menos inconscientemente metaforizando nossa lógica social, nos jogadores exaltada sua excelência como "matéria prima", instintos, origem racial e experiência social prontos a serem moldadas por uma direção moderna, científica e disciplinadora. Em seu livro "Futebol e Psicanálise" afirma o psicólogo Athayde Ribeiro da Silva que viaja profissionalmente com a delegação brasileira para o Chile: "a seleção nacional está estruturada nos mesmos termos da dinâmica de uma família. A Direção representa a figura paterna, os atletas as figuras filiais. Como os filhos confiam na Direção, em seus critérios

de justiça, honestidade, de organização, de humanidade, de capacidade de decisão, temos um lar harmônico. E onde há segurança emocional, noção de responsabilidade, fraternidade sã, enfim, tranquilidade e confiança". 22 Além da afirmação da nacionalidade, o futebol finalmente confirmaria o modelo de organização nacional.

A participação brasileira na Copa 70 no México, seria objeto de uma imensa campanha publicitária, organizada sofisticadamente, com todos os recursos dos modernos meios de comunicação e propaganda, concentrando toda a afetividade nacional na seleção, representação máxima e unívoca da nação. A retenção dos salários do operariado em favor do crescimento da taxa de lucro nacional, dentro da filosofia oficial de concentração da renda, é oferecida como contrapartida a vitória no futebol, a gratificação real substituída pela afetiva, a Taça Jules Rimet definitivamente conquistada simbolizando a afirmação da identidade e da integração do país, e da ascensão social do seu povo.

4 - ORGANIZAÇÃO DO FUTEBOL, O CARTOLA

Os clubes que surgem originalmente como ^{AGRUPAMENTOS} ~~agrupações~~ espontâneas em torno de atividades esportivas, apareceriam no Brasil principalmente através das colônias estrangeiras, que seriam copiadas também em seus hábitos de lazer pelos membros das classes dominantes brasileiras. O sucesso do futebol, faria que muito cedo, praticantes deste esporte fundem clubes a

partir da organização de equipes, se estendendo entretanto suas atividades não só para outros esportes, como para eventos sociais. O futebol, entretanto, permanece como atividade central desses clubes, que a partir da organização dos campeonatos iriam progressivamente se convertendo em instituições burocraticamente organizadas.

Os estatutos extremamente simples elaborados quando da fundação dos clubes, vão com seu crescimento se tornando cada vez mais complexos, determinando o funcionamento dos órgãos administrativos internos por divisão de trabalho. Assim, referenciadas pelo modelo das instituições vindas com o capitalismo, passam a se fixarem âmbitos de competência e atribuições de decisão, se encarregando a diretoria e as comissões encarregadas de tarefas de planificação das atividades desportivas. Nos clubes brasileiros, contudo, apesar do aparato burocrático e dos procedimentos democráticos formais impostos por seus regulamentos internos, se observaria a permanência residual de características produzidas por nossa formação histórica, o que na prática determinaria a personalização do poder através da manipulação da estrutura formal, o autoritarismo dos dirigentes que frequentemente se eternizam nas posições de mando.

Apesar dos intuítos honoríficos e de prestígio permanecerem como objetivos centrais do clube, a cobrança de entradas nos jogos e a grande popularização do futebol que se transforma na principal indústria de diversões nacional, faria que a organização do esporte permanecesse numa situação

paradoxal, agravada pelo profissionalismo, o que levaria os clubes a graves crises financeiras. A enorme penetração do futebol tornaria os cargos dirigentes dos clubes extremamente atrativos para homens bem sucedidos financeiramente em outros âmbitos em busca de destaque e poder, legitimados frequentemente por extrema paixão clubística. As administrações diletantes e personalizadas, e a necessidade de atender a exigências extra-esportivas principalmente políticas, faz que os clubes, que com o profissionalismo passam a ter grandes encargos financeiros, passem a enfrentar uma situação de crise permanente, apesar da paixão popular pelo esporte determinar grandes públicos nos estádios, se mantendo através de auxílios do Estado e da empresa privada que percebem e dependem de sua força social.

Os clubes de futebol se caracterizam frente ao torcedor de acordo com vários critérios, sendo suas histórias ideologizadas e retraduzidas pela massa e pela imprensa esportiva. Os clubes de elite são reconhecidos por suas origens aristocráticas, apesar do futebol ter determinado uma relativa democratização em seu seio, passando a serem frequentados e dirigidos por indivíduos vindos das crescentes classes médias. Embora o profissionalismo ter determinado nas suas equipes não uma democratização mas uma nova destinação social de seus membros, passando a serem formadas por indivíduos das classes inferiores, é esperado desses clubes um comportamento disciplinado e mesmo "superior" nos campos, como em sua torcida, o que se mantém apesar dos constantes desmentidos da prá-

Não o aumento
 do poder
 estatal

tica. Entre os clubes grandes se distinguem ainda os de "colônia", principalmente os representantes das colônias portuguesa e italiana, bastante populares desde sua origem, e cujos signos nacionais são ostentados nas vitórias e ridicularizados, principalmente no caso dos portugueses, nas derrotas.

A grande divisão dentro do futebol, porém, é entre clubes grandes e pequenos, aqueles os de maior torcida, patrimônio, poder e vitórias, estes, se mantendo como meros participantes dos campeonatos, contando em suas equipes com jogadores já em declínio ou em formação, sendo que entre estes os que se destacam são imediatamente comprados pelos clubes maiores. No âmbito nacional, com a organização de um campeonato brasileiro, esta distinção se mantém, os melhores clubes dos centros regionais menores ~~que~~ se qualificando como clubes pequenos no âmbito nacional, permanecendo como grandes os do Rio, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul e Pernambuco, os líderes do futebol brasileiro.

Um clube grande como o Fluminense se situa numa das áreas mais valorizadas do Rio de Janeiro, sua sede ocupando 56 mil metros quadrados. Suas dependências abrangendo ^M saguão, sala de brasões, museu, seção administrativa, restaurante, bares, sala de reuniões, ~~estádio~~ ^{gincinária} estádio de tênis com dois mil lugares, parque infantil, estande de tiro, salão de ginástica, sala de jogos, serviço médico, pista de atletismo, estádio de futebol, biblioteca, teatro, etc., contando com mais de trezentos funcionários e mais de quinze mil sócios. Oferece a seu plantel de quase quarenta jogadores profissionais, altos salá-

rios, gratificações, moderno e sofisticado departamento médico e concentração, material sempre novo e alimentação determinada por nutricionistas. O S. Cristovão situado num subúrbio carioca tem uma modesta sede, hoje ameaçada de desapropriação pela municipalidade em virtude de planos rodoviários e industriais. Seus jogadores ganham em média dez vezes menos que um jogador do Fluminense, a maior parte deles tendo que trabalhar em outra atividade para se manter, não dispondo de concentração e se alimentando do "prato feito" de uma pensão atrás do clube.

Assim como no capitalismo organizado, as burocracias empresariais trasladaram atribuições às burocracias das associações econômicas e ao Estado, as organizações burocratico-administrativas dos clubes cedem atribuições às associações centrais que os agrupam, passando a ocupar posições análogas às instituições legislativas e administrativas da justiça dentro da sociedade maior. A unificação do futebol brasileiro, apesar da permanência dos conflitos regionais, data de 1937 com a Confederação Brasileira de Desportos, que assim como suas congêneres estaduais, adaptariam os modelos da organização desportiva inglesa à realidade brasileira, seus dirigentes vindo^s dos clubes frequentemente com a mesma mentalidade autoritária e personalista.

Como o Estado no capitalismo tardio passa a intervir diretamente na esfera econômica as federações passam a ocupar também novas funções através de intervenções planificadoras no futebol nacional. Principalmente a partir de 64,

quando se reforça a missão política do futebol, a CBD passa progressivamente a ser dirigida por políticos profissionais e por militares, subordinando suas atividades administrativas a interesses extra-esportivos, ressaltando em suas manifestações públicas e nas campanhas publicitárias institucionais, os objetivos de integração nacional através do futebol.

"O futebol brasileiro vive em meio a uma política-gem mais mesquinha do que a política partidária. Muito mais atrasada. O núcleo dirigente do futebol brasileiro formado na época do amadorismo, época empírica do futebol não abandonou seus métodos no Brasil (.....) O único fator que permitiu pudéssemos atingir um alto nível no futebol mundial é que este ramo de arte popular encontra no Brasil vastíssimo campo, de milhões de apaixonados. Se é certo dizer-se que o futebol é arte popular, no Brasil, o mais correto é definir-se: futebol arte e paixão popular". 23 (Subterrâneos do Futebol/J.S.)

A relação do "cartola" com os jogadores, não sendo mediada por instituições jurídicas eficientes, é marcadamente pessoal, a grande distância social que separam os dois atores do drama futebolístico reforçada pelas tradições escravagistas que perduram na sociedade moderna, definindo um estilo de relações paternalista e autoritário.

É interessante acompanhar o relato de João Lira Filho, no seu livro "Taça do Mundo de 1954", na qual participou como chefe da delegação brasileira na Suíça. Ministro do Tribunal de Contas, intelectual com vários livros publicados abordando jurídica, sociológica e antropologicamente o futebol

brasileiro, o autor explicita no livro ideologias e valores generalizáveis a grande parte dos cartolas brasileiros, de menor cultura e capacidade de articulação. A primeira parte do livro consta de uma apresentação do autor, de suas qualificações para o posto, onde é ressaltada sua modestia e ausência de ambição dentro do esporte, se defendendo antecipadamente com afirmações de "não gostar de boite nem ter alma de turista", não beber e ter se servido do cardápio do hotel a preço fixo, além de confessar ter trazido 62 gravatas "exclusivamente para distribuir entre os funcionários do tribunal". Ressalta seu patriotismo mesmo quando criticado pelo comandante do avião ou pelo jornalista ^{ODIVALDO} ~~Eswalde~~-Cosi, que atribuem parte da derrota a "euforia patriótica dos dirigentes". São significativos dois episódios com os jogadores a quem sempre se refere paternalmente, o primeiro quando da punição de Veludo e Pinheiro desligados da delegação por terem chegado ^{TARDE} à concentração, depois relaxada em nome de sentimentos humanitários e dos pedidos dos jogadores ^{do} técnico. O segundo quando proíbe Didi de se encontrar ^{COM} aquela a quem confiou seus sentimentos mais palpitantes, mesmo para um almoço, tornado em acontecimento exemplar perante a delegação. Citando a publicação francesa "Semaine Sportive" que discorre sobre as qualidades morais dos povos representados naquela Copa, em considerações "plus profondes et qui concernent les qualités fondamentales de certaines races", passa a citar seus escritos comentados pelo próprio Gilberto Freire afirmando que "os males são mais profundos" e seguem do estágio da cultura ao estágio do fute-

bol. Eles descem à própria genética". Em novas citações de outro livro de sua autoria, "Introdução ao Direito Esportivo", procura uma explicação racial à performance esportiva, racionalizando a superioridade do húngaro sobre o brasileiro, que logicamente se refletiu no resultado no campo.

Tendo que lidar frequentemente com jogadores negros, o dirigente, frequentemente mestiço mas socialmente considerado como branco, tem extrema sensibilidade para o problema racial, e, embora não podendo prescindir de negros no seu time, toma frequentemente atitudes racistas ambíguas. "Quantas vezes no Botafogo, e isso também acontece em outros clubes brasileiros, fui surpreendido por um diretor me pedindo: "João, vê se dá um jeito nisso e manda esses crioulos saírem da sede. Não pode não é?". Eu sempre saía pela tangente, explicando que não era assunto meu ... Lembrava também que aquele diretor que falava, muitas vezes entrava no campo depois da grande vitória e abraçava-se a todo time, brancos ou pretos que tinham terminado o jogo suarentos e fedidos. Tais contrastes são uma constante na política de alguns clubes, e influem até nas contratações²⁴.

Ao jogador iniciante, ainda menino, que entra para o ambiente extremamente competitivo do futebol, única saída de uma vida subalterna determinada por sua origem social, o clube determina uma verdadeira reeducação disciplinar, aceita pelas vantagens superlativas que o futebol lhe proporciona em relação a sua realidade. São impressões modelos de conduta de acordo com os padrões sociais vigentes, que o definem como um

privilegiado cidadão de segunda classe. Impostos modelos de virilidade e de ausência de sentimentalismos, "somos profissionais", que o permitem seguir grandes exigências da profissão, já o preparando adequadamente para a possibilidade de se tornar um astro futebolístico, quando, se não anteriormente "conscientizado" de seu papel, se tornaria capaz de contestar o clube, e a própria estrutura do futebol. "O que o clube tem obrigação de fazer é educar os jogadores, na época apropriada, e não deixá-los à vontade quando juvenis e querer discipliná-los quando adultos". O futebol oferece muita coisa a ser ganha, mas não só através da qualidade técnica e física do jogador. "Sua ficha está sobre as vistas do diretor quando você tem que reformar contrato. Ele sabe de tudo a seu respeito, inclusive sua vida particular: se você se concentra ou não, nas vésperas dos jogos. Se fuma. Se bebe. É pela ficha que ele calcula se pode reformar seu contrato por mais dois ou três anos ou se não deve arriscar mais de um".

Já adulto, jogando no primeiro time dos grandes clubes, o jogador é mantido numa situação de extremo cuidado, mas de extrema atenção, infantilizado, não sendo reconhecida sua consciência profissional tendo que consultar o clube mesmo para assuntos de sua vida pessoal, mantido em concentrações em grande parte da temporada. Na concentração ele vive o momento máximo de rompimento dos laços que o unem a seu meio, afastado protetoramente dos perigos e tentações da vida quotidiana, homogenizado pelos uniformes. O jogador que mesmo usando de seus direitos profissionais reivindica contra-

riamente às normas do clube é visto como indisciplinado, e, dependendo da repetição de suas atitudes, exposto a um processo de generalização desenfreado (o que não é todo bom é todo ruim), que de reivindicativo ^{do} já o associa a indisciplinado, e daí para rebelde, boêmio, podendo ser acusado até de drogado ou de homossexual.

A não aceitação por parte dos dirigentes do amadurecimento profissional do jogador brasileiro, o mantendo sob uma complexa rede de controles e ameaças, o considerando como uma superlativa "matéria prima" de nervos e ^{INS} extintos só aproveitável através de um processo pigmalionesco, se relaciona às ideologias das classes dominantes sobre as camadas populares brasileiras estigmatizadas por suas origens raciais, natu realizando atitudes invalidadoras e autoritárias, encobrendo seus próprios sentimentos de inferioridade perante os países centrais do sistema capitalista internacional.

O dirigente líder, pai, disciplinador, produzido por nosso profissionalismo incipiente, começa a ser substituído hoje pelo novo cartola, o empresário racional do futebol moderno, fazendo parte do processo mais amplo de modernização do futebol brasileiro, que tenta aplicar a dinâmica empresarial nos clubes de futebol, sem alterar o sistema de relações sociais que perdura dentro do esporte. Geralmente vindo da empresa privada, os novos dirigentes rejeitam os hábitos paternalistas dos seus antecessores, passando a redefinir as relações com os jogadores através de um discurso abstrato-fornal. "Nos fazemos investimento como compramos uma máquina

para o clube. A gente compra uma, mas tem sempre outras dez funcionando para pagar a que acabamos de comprar",²⁵ afirma Edaundo Lambertucci, vice presidente a 13 anos do Cruzeiro F. C. de Belo Horizonte, um dos primeiros clubes do futebol brasileiro a se organizar de forma empresarial. A manipulação das vantagens e do prestígio agora, em alguns casos, já justificamos por uma ordem de compensações meritórias. "Eu sou apaixonado pelo Cruzeiro mas fui duplamente recompensado. Vi meu clube crescer e virar um mito no mundo inteiro, e fui amplamente recompensado com a promoção nos jornais. Quanto eu teria que pagar ao "Estado de Minas" para ter meu nome publicado dezenas de vezes numa só edição? (.....) Outro exemplo foi quando fui com o Furletti conversar com o Henri Aidar presidente do São Paulo e secretário do então governador Lauro Natel. Bastou que a gente se identificasse como dirigentes de futebol e logo as portas do palácio se abriram e fomos imediatamente recebidos. Na saída, quando ligamos para o aeroporto para reservar as passagens de volta, fomos informados de que não havia vaga em nenhum avião. Mas quando souberam que era para nós quebraram imediatamente o galho, como se o fizessem para o próprio governador. Ou será que se não fosse o futebol o nosso presidente Brandi teria tanto acesso ao então presidente Médici? (.....) Quantos concessionários de ônibus famosos existem? Nenhum, a não ser Furletti. Cite uma marca de macarrão fabricado em Minas que não seja Orion. É difícil. Pois é, tudo isso é promoção. Claro, não aumentei minha clientela na retífica por causa disso. É que isso de-

pende exclusivamente de bons serviços prestados, e não misturo futebol com minha empresa. Mas em termos a promoção foi extraordinária, fabulosa mesmo. Em compensação trabalhei loy- camente pelo Cruzeiro, e posso dizer com tranquilidade o se- gredo do sucesso do clube foi ter sido administrado por ver- dadeiros homens de empresa, gente que não gosta de esbanjar o que tem". 26

A estrutura de relações sociais não só não é alte- rada mas se reforça com a modernização das estruturas do pro- fissionalismo, tendo como paradigma último a seleção nacio- nal, sua situação de ultra-visibilidade determinando a depura- ção não só do modelo tecnológico mas do próprio aparelho de repressão. O jogador selecionado ocupa uma função social mo- delar, a seleção veiculada como metáfora imediata da naciona- lidade, não só legitimadora da situação política, mas também por sua vez metaforizada por ela. O jogador apesar de estar no ponto máximo da carreira, é cerceado completamente, apareç- temente ultra-visibilizado pela reprodução exaustiva nos meios de comunicação de massa, mas ocultado em sua individualidade, em suas descontinuidades pessoais, e oferecido desumanizado como modelo irrecusável do cidadão. Dirceu, considerado a maior revelação da Copa da Argentina, jogador já muitas vezes anteriormente selecionado e disputando sua segunda C copa do mundo, já tendo jogado nas O Olimpíadas, dias antes do início da competição depois de "críticas, todas de caráter técnico", e trazido "uniformizado do treino ao centro do Rio de Janeiro (sede da CED) em seu macacão para receber uma advertência."

Tanto o comportamento do jogador como o da comissão técnica são narrados no resto da parte esportiva do Jornal do Brasil, não partidarista como o artigo de Saldanha: "Dirceu, primeira vítima do esquema disciplinar da CBD, mudou inteiramente de atitude depois da advertência feita pelo chefe da Comissão Técnica. Em vez do jogador descontraído, irreverente e sempre disposto a uma conversa com torcedores e jornalistas, surgiu ontem na Granja Comari um homem cheio de temores, inseguro, incapaz de concentrar o olhar em qualquer ponto definido. Cercado pelos microfones de rádio, como um robô repetia muitas vezes as palavras que resolveu decorar ou que lhe foram oportunamente sugeridas: "Fui advertido. Tudo bem. Estou me sentindo ótimo, o ambiente aqui é o melhor possível (....) O nosso único pensamento é ganhar a Copa. Tudo já passou, o ambiente é ótimo, é vida que segue". "Terezópolis - Na viagem que fará hoje a essa cidade, a principal missão do diretor de futebol da CBD, André Richer, é alertar a Comissão Técnica - da qual é presidente - para a necessidade de fortalecer a união entre os jogadores da Seleção, conscientizá-los da importância política e social do Brasil ser campeão da Copa e, com ~~esses~~ esses objetivos, não permitir novas aberturas para manifestações de rebeldia ou contentamento. Não está afastada a hipótese de Richer dirigir-se também aos jogadores, mas é certo que terá um encontro a portas fechadas com o treinador Claudio Coutinho e o supervisor Mário Travagline". 27

O jogador inteiramente destituído de seus direitos como cidadão, essa usurpação começando a se dirigir decidida-

mente para o campo quando a retórica do jogador brasileiro começa a ser aprisionada pelos esquemas táticos-psicológicos-físicos etc. importados. Na aplicação de sistemas "científicos" de manipulação, um dos mais usuais é o da produção de líderes artificiais pelas "comissões técnicas" como relata ainda a matéria do dia. "O caso Dirceu considerado assunto encerrado - a passividade do jogador diante da punição deixa prever que ele não causará mais problema - as atenções da CBD se dirigem agora para os jogadores que formam o grupo de maior experiência e capacidade de liderança. Rivelino passa a ser o polo de atração para as tentativas de dar tranquilidade aos jogadores e torná-los mais obedientes às decisões superiores. Mário Travagline acentuou essa particularidade, ao dizer ontem que não estava em condições de garantir que André Richer iria ter uma conversa em particular também com Rivelino para que o jogador assuma seu papel de "líder positivo".

O Jornal do Brasil, cabe dizer, não é nenhum tabloide "de esquerda", mas sim um dos dois grandes jornais institucionais do Rio de Janeiro, um pouco mais sofisticadamente liberal do que seu concorrente "O Globo", o que demonstra que a matéria não tem tom explicitamente crítico, mas confirma coisas talvez dolorosas, mas aceitas pelo consenso dos seus leitores. O artigo termina da seguinte forma: "Embora admitida pelo ângulo mais simpático e positivo, a conversa de Richer com Rivelino também servirá como reforço da advertência que o jogador recebeu da Comissão Técnica. O diretor de futebol da CBD repetirá hoje que nenhuma reclamação em público ou

qualquer tipo de protesto tem cabimento nas semanas que antecedem a Copa do Mundo. E Rivelino, aceite ou não a investidura como "líder positivo" - terá de ser o porta-voz dessas recomendações a todos jogadores". 28

Aonde irá o futebol brasileiro, ^{o C} certamente não para um tipo de organização do modelo americano de "profissionalismo show-bussiness", talvez cada mais referenciado por ele, mas inevitavelmente determinado pela experiência social brasileira, que se revela como no caso do noticiário sobre Dirceu, onde a naturalidade como são aceitas "medidas autoritárias, ex nome da autoridade", confirma como essa dinâmica produzida por nosso processo histórico específico permeia todo o fluxo da sociedade brasileira. A introdução do futebol nos Estados Unidos, foi imposto pelos meios de comunicação de massa, num país em que a indústria de diversões é sofisticadíssima e altamente competitiva, principalmente quanto aos esportes, o futebol americano, o basquete e o baseball, tradicionalmente mobilizando todo o país em temporadas que se sucedem. O futebol nos Estados Unidos representa um monumental investimento que passa a alterar o próprio equilíbrio do futebol internacional: "A Warner, empresa para qual trabalho, mas no campo musical arriscou. É uma companhia de mentalidade aberta, sempre pronta a inovar, experimentar. Mas claro havia os acionistas. A Warner é uma firma pública, depende deles.(.....) Hoje colhemos frutos. Com a ajuda, e que ajuda! de Pelé. Por que sem ele, acredite, não seria possível encher os estádios. Talvez até conseguíssemos. Mas levaria o dobro do tempo, sem

dúvida. E nós pretendemos estar prontos para a Copa do Mundo de 1982. (.....) É o interesse da Warner: diversões. O que quer que caia nessa classificação nos interessa: música, ramo do qual eu trabalho, revistas. Uma máquina que para funcionar bem precisa de bons produtos. Pelé era um bom produto, o símbolo máximo da campanha que fizemos para propagar o futebol. (.....) Haverá o tempo em que precisaremos de um ídolo 100% americano. E ele virá." 29

5 - IMPRESA ESPORTIVA

"O foot-ball, hoje, enche páginas ^{até} da imprensa mais austera, menos esportiva. Nem sempre, porém, foi assim. Basta percorrer as coleções dos jornais e das revistas de trinta, de quarenta anos atrás. O foot-ball só interessou às folhas depois de se tornar uma paixão do povo. Enquanto não encheu os campos, não dividiu a cidade em grupos, em verdadeiros "clans", o foot-ball quase não existia para os jornais. Por isso a consulta de jornais até 10 pode servir, quando muito, para estatísticas de resultados de jogos. Somente depois de 10 é que o foot-ball, transformado em assunto jornalístico, permitiu que apaixonados do chamado esporte bretão, cada um com o seu clube, escrevessem crônicas, às vezes assinadas com iniciais." 30

A imprensa esportiva que surge no início do século tanto em colunas ^{das} dos jornais diários, como em publicações exclusivas, pouco informava sobre o futebol jogado nos clubes

de colônia. O Brasil Esportivo, uma das primeiras publicações do gênero, aparecido em 1902, tem no topo de sua primeira página um desenho da baía da Guanabara com o Pão de Açúcar no fundo, que se repete ao longo de suas edições, onde estão representados praticantes dos principais esportes abordados pelo jornal: dois jogadores de cricket, barco de rowing, dirigíveis marcando o interesse pela aviação, um ciclista, cavalos montados disputando um páreo e dois patinadores. O futebol ainda não se encontrava no primeiro time dos esportes praticados pelas camadas superiores a quem o jornal é dirigido.

Iniciados os campeonatos regionais no Rio e S. Paulo, o futebol começaria a aparecer no noticiário em algumas colunas nas edições de domingo e segunda, modestamente, com uma abordagem característica de crônica social, destacando as pessoas presentes, inclusive nas eventuais fotografias mais dirigidas à plateia do que ao campo, os jogadores frequentemente tratados por "senhor", mais elogiados por seu cavalheirismo do que por sua excelência no jogo. 31 "Brilhava a fina flor da sociedade paulista (.....) heróico time do Club Atlético Paulistano tão vigoroso e harmônico foi o jogo em seu conjunto (.....) Dos Srs. Costa Marques, dois marcaram o segundo e o terceiro goal (.....) Mantiveram a perícia e a correção que os distinguem os Srs. Renato Miranda(.....)" (Brasil Esportivo/sabado/21 julho 1902). Alguns editoriais do "Brasil Esportivo" são representativos do estilo literário usado pela crônica esportiva, frequentemente com pretensões poéticas, versando sobre temas como "A Mulher no Derby", "Nau

frágio e Morte numa Baleeira na Enseada", etc.

Algumas matérias mais descritivas dos jogos, que começam a aparecer, são geralmente escritas gratuitamente pelos próprios jogadores, visando defender seus times e difundir o esporte, vulgarizando seus termos ingleses, que as vezes recebem uma curiosa grafia portuguesa. "Domingo passado realizou-se um match entre os grupos da sociedade "Clube Foot Ball", tendo a ele assistido algumas famílias e cavalheiros. Feito o sinal convencional para o começo do jogo, travou-se uma luta gigantesca entre os heróicos rapazes que compunham os teams. O primeiro chout foi dado por Marques (verde), que a levou até a linha penalty kik, onde foi tomada pelo destemido team dos vermelhos. O full-balk Heitor Rodrigues (vermelho), deu um admirável chout que atirou a bola à linha do centro, sendo nesse momento apoderada por S. Zambrano, que ao atirá-la para Mamede (vermelho), foi tomada por Pinheiro (verde). A pouca distância do penalty kik, travou-se novamente uma luta ingente entre os teams, conseguindo Marques (verde) dar um feliz chout fazendo um goal. Muitas palmas e vivas se fizeram ouvir, sendo muito felicitado o team verde pelo team vermelho, seu adversário terrível. Foram pois vencedores os verdes por um goal a zero. Os membros da diretoria convidam às exmas. famílias para assistirem ao match que se realizará domingo, no campo provisório, à rua Visconde do Pinhal, às 4.30 horas da tarde". 32

Já na segunda década o foot-ball ganha prestígio e consequentemente espaço nos jornais, "em 12 anos houve a ne-

vrose da pelota basca, a hiperestesia da bicicleta, o vigor das regatas, a vertigem dos patins; hoje o que domina é a loucura do futebol e agora só se houve falar em: gols, chutes, passes, dribles, tudo isso numa algarávia que vai enriquecendo o vocabulário do nosso idioma". 33 O entusiasmo pelo futebol não sendo tão episódico como pelos outros esportes praticados pelas classes superiores brasileiras no início do século, propiciaria em 17 no Rio e no ano seguinte em S. Paulo, a criação das primeiras associações de jornalistas esportivos, agora já reconhecidos em sua especialidade.

Os primeiros jornalistas esportivos que passam a reivindicar a propriedade da competência, vem não só do próprio futebol, ex-jogadores, técnicos, árbitros, etc., mas, num país de torcedores, de diversas atividades, principalmente das profissões liberais, da advocacia, representando não só uma atividade complementar, mas uma forma de extravasar suas paixões e mesmo influir no mundo do futebol. Em meio de uma imprensa esportiva que se desenvolve progressivamente com o profissionalismo, desenvolvendo formas de abordagem e estilo próprio bastante homogêneos pelas milhares de redações em todo país, aparecem homens como Thomas Mazzoni, Paulo Varsea, Max Valentin e principalmente Mario Filho e mais tarde João Saldanha, que dariam novo caráter à profissão, graças a integridade de seu trabalho e a seu talento desenvolvido pelos anos de observação e entusiasmo pelo jogo, que não embotaram nem a criatividade de seus textos nem o sentido crítico das suas observações.

O investimento maciço no futebol a partir das vitórias nas Copas mundiais e do interesse direto do governo, modifica o status da imprensa esportiva que se torna numa nova elite dentro da profissão, graças não só às vantagens oferecidas pelos novos salários e viagens, mas também pelo poder que passa a dispor se dirigindo à todas as classes sociais, numa situação única na imprensa nacional. A crônica esportiva que sempre esteve vinculada a interesses de grupos, de clubes, e de paixões regionais, passa a partir daí, fora honrosas exceções que sempre houveram e continuam a haver, a ser diretamente comprometida com interesses extra-esportivos, ligada mais ou menos veladamente às campanhas institucionais em torno da seleção brasileira e do campeonato nacional, assumindo um comportamento acríptico e ufanista.

O jogo de futebol é "preparado" pela imprensa falada, escrita e televisada, que informa sobre todos os detalhes do campeonato e das equipes através de uma linguagem ^Aafetiva e mobilizadora consumida por milhares de torcedores, conciliando realidades objetivas com subjetivas. Os meios de comunicação de massa principalmente a televisão, permitem novas possibilidades de centralização, controle e manipulação do esporte, a serviço tanto dos interesses imediatos do futebol, que precisa manter os campos cheios nos inúmeros campeonatos que se sucedem todo ano, às vezes opondo os mesmos adversários inúmeras vezes após reduzidos intervalos, quanto de objetivos políticos de mobilização nacional e de formação da opinião pública, e de objetivos comerciais e publicitários.

Os jornais diários destacam em sua última página o futebol, além de outras no interior do caderno dependendo da conjuntura dos campeonatos, determinando uma ordem inversa de leitura principalmente entre as classes populares, que uma vez lidas as manchetes viram o jornal para iniciar sua leitura. O rádio, além de programas diários de comentaristas, cobre ^{as} todas as partidas oficiais, mesmo as de ínfima importância, seus locutores divididos em especialistas com competências específicas sobre diversos âmbitos do jogo, oferecendo uma versão onipotente que é acompanhada pelo torcedor mesmo quando dentro do estádio, necessitando da palavra das emissoras para confirmar ou reelaborar sua versão dos acontecimentos da partida. A televisão praticamente propõe uma nova forma de ver o jogo com o vídeo-tape, permitindo uma aproximação mais detalhada, mais nuançada do lance que volta à vista distanciado pelo prévio conhecimento de seu desfecho, acompanhado pelos locutores de TV com o uso de uma linguagem técnica, "científica".

Enquanto um cronista como Saldanha renova a própria linguagem jornalística, escrevendo estilisticamente como se fala, usando a máquina de escrever como um gravador, uma outra vanguarda da crônica esportiva liderada pelos jornalistas esportivos da televisão, que por si só como veículo sugere uma linguagem mais fria, passa a usar uma linguagem "séria", acadêmica, muitos deles já vindos das escolas de comunicação de nível universitário, usando de termos de outros campos de conhecimento o que daria uma "cientificidade" a seu discurso, afastando-se da linguagem afetiva "que repercute no

ouvinte" mas objetivando a mesma eficácia ideológica.

A imprensa esportiva em sua diversidade, determinada pela própria diversidade dos jornais e revistas, ~~mas~~ com o rádio e com a televisão como veículos, com suas especificidades, possibilidades e limitações próprias, desenvolveu em sua prática no Brasil uma linguagem com características básicas comuns, determinadas pela situação superlativa que o futebol ocupa no país. Sua preocupação em promover a imediata descodificação de suas mensagens ao acesso de uma platéia social e culturalmente heterogênea, a quem se propõe não só narrar o jogo mas também ideologizá-lo, produziu uma estética própria através da apropriação de invenções populares as retraduzindo e padronizando com os recursos oferecidos pela cultura de massa e pelo desenvolvimento tecnológico.

6 - O JOGADOR

S T
 A partir do profissionalismo, se o futebol se democra-
 tiza definitivamente ~~em sua platéia~~, ^{JORNAL DO EM. ESPORTE NACIONAL} no campo são mantidos
^{ADUMBRAMENTOS} os preconceitos sociais e raciais que o permeiam desde o início
 de sua prática na sociedade brasileira. Se nos estádios
 indivíduos das diversas classes sociais assistem as partidas,
 apesar de mais ou menos mantidas as diferenças pelas próprias
 divisões dos estádios, nos campos os jogadores passam a ser
 recrutados exclusivamente nas camadas populares, jogar futebol,
 agora uma profissão, considerado como um privilégio para
 um negro mas uma ocupação infamante para os filhos da burguesia.

sia. O jogador que chega às grandes conquistas e principalmente ao selecionado nacional é endeusado e adulado por toda sociedade, mas nunca considerado como igual pelas classes superiores, mantido sempre como um privilegiado cidadão de segunda classe, ~~ele é~~ exemplo vivo dos arranjos sociais que possibilitaram a criação da "democracia racial" brasileira, e ao mesmo tempo seu membro limite, seu ponto de maior visibilidade e conseqüentemente de exaustão.

Em qualquer época da história da civilização ocidental é possível se relacionar as práticas esportivas e a situação de hegemonia de classe. "A atividade físico-desportiva era a da preparação para a guerra, a da fuga do trabalho economicamente útil, imposto aos escravos, aos servos e aos operários, e a da expansão lúdica, no tempo livre, disponível. Os concorrentes aos jogos olímpicos da Grécia antiga, os cavaleiros da Idade Média e os alunos das escolas aristocráticas da Grã-Bretanha da época vitoriana constituem exemplos claros deste privilégio desportivo, como supremacia de grupo".³⁴ Na sociedade moderna os esportes amadores, principalmente aqueles que representam valores suntuários importando em grande custo, ainda expressam privilégio de classe. Na Europa e nos Estados Unidos, com a maior proteção sindical e com a democratização do sistema universitário, os atletas, entretanto, vêm principalmente das grandes classes médias protegidos por uma sofisticada estrutura dentro da universidade, dos clubes e das associações esportivas, civis e estatais. As minorias raciais e nacionais no Estados Unidos e as grandes mai

(um, dois numa geração), a perda das vantagens, o esquecimento popular, a volta ao anonimato. O fim da possibilidade de auferir grandes proventos, a não ser através de capital acumulado e investido durante a carreira como jogador, a cessação da possibilidade de se satisfazer catarticamente no circo dos estádios.

3

3.4.1 O profissionalismo futebolístico, especialíssimo em seus estatutos com a "lei do passe" que torna o jogador "patrimônio dos clubes", numa situação jurídica única no Direito Moderno, torna-se não só privilégio mas também sina desses indivíduos

UMA FORMA ANO O TORNAR A NUNCA COTIDIANO FOMTE O ASSIMILARADO E A

que se expõem às durezas dos treinamentos e campeonatos e a um sistema também referenciado pela sintaxe da fábrica ou do quartel. *DINAMICA*

*As vantagens extremas para indivíduos para quem a sociedade se fecha e condena a uma vida subalterna e as possibilidades dinâmicas de futebol, tanto nas císicas como de imersão no grupo, garantem o grande número de jogadores que tenta se profissionalizar aceitando de antemão as "regras do jogo".

COMPLETA MONTAR-1012R

"Sendo o futebol uma atividade eminentemente de jovens, o jogador brasileiro leva grande vantagem: o menino brasileiro entra na vida muito cedo. É, antes de tudo, um precoce. O nível de vida de nosso povo faz com que nossa garotada, com sua infância difícil, amadureça e pense como adulto. No interior um "moleque" de oito anos já é considerado "meia-enxada". Aos quinze anos, quando fica sendo "uma enxada" e começa a tratar da sua vida, geralmente sai de casa para poder usufruir só de seu trabalho. (.....) Na cidade tam

bem, desde cedo o garoto "entra" na vida. Excluindo os que estudam na escola secundária e que são poucos, os demais não completam a escola primária e, ou trabalham numa fábrica e no comércio para ajudar em casa ou, em menor quantidade, mas que é apreciável, perambulam pelas feiras, biscateando, brincando e correndo da polícia." 35

531 | Esse jogador vindo com a experiência social das classes inferiores, impresso^{as} em seu corpo as marcas conscientes/aprendidas ou inconscientes do negro, considerado aqui etnia e cultura, se apropriaria dos códigos do futebol inglês, traduzidas^o pelos aristocratas nacionais, dando-lhe uma retórica particular. O sucesso internacional do futebol brasileiro, torna esse jogador de um país que ocupa posições / subalternas no mundo político-econômico, em representante de toda nacionalidade. Por um lado o super-craque se torna um semi-deus, vive para os outros e é o depositário do mito da ação, o substituto alucinatoriamente habilitado à defesa do prestígio próprio de cada cidadão. "Chega-se a uma divisão romântica do mundo ao se buscar onde está a "ação". De um lado encontram-se os lugares seguros e silenciosos, o lar, o bem definido papel nos negócios, na indústria, e nas profissões; do outro lado, estão todas as atividades relevantes, exigindo que o indivíduo se exponha e enfrente riscos a qualquer momento. Quase todas as fantasias comerciais derivam deste contraste. O respeito próprio dos delinquentes, criminosos, jogadores e esportistas, deriva deste contraste. Talvez esta seja a recompensa que eles obtêm em troca do uso que os ou-

tros fazem do ritual da sua performance". 36

532 Por outro lado o culto ao super-craque o torna uma
 5 figurá modelar, principalmente para sua classe social, os
 meios de comunicação de massa o filtrando e o "reproduzindo"
 de uma forma positiva, escondendo sua complexidade como indi-
 víduo, ^{E SUAS OBRAS, FRASES, E AVALIAÇÕES E A} ~~e que ocasiona frequentemente a interiorização~~ desse
 papel pelo jogador. O atleta-símbolo para a glorificação de
 valores de grupos a que ele está subjugado mas passa a repre-
 sentar. Pelé expressa esse momento de poder superlativo do
 jogador brasileiro e, paradoxalmente, de sua perda total de
 poder. Excepcional jogador, associando à extrema criatividade,
 habilidade e vigor físico, uma grande capacidade de mani-
 pular todos os fatores do jogo que pudessem dar vantagem à
 sua equipe, Pelé personifica dos mais abertos aos mais ocul-
 tos sonhos dos torcedores e dirigentes do nosso futebol. Em
 62 é descrito no relatório interno do psicólogo da equipe que
 disputou a Copa do Chile entregue a CED e depois publicado,
 visto aqui como um depoimento despido de qualquer valor cien-
 tífico: "a simplicidade autêntica e humana das grandes figu-
 ras, modelo exemplar de atleta, por reunir três virtudes: ex-
 traordinária capacidade técnica, disciplina e ausência do que
 popularmente se chama "Máscara". (.....) Intensa identifica-
 ção com a figura paterna, que foi também jogador de futebol.
 (.....) necessidade de superar a infância dura, humilde, con-
 turbada pelo insucesso do pai, a seus olhos heróico e valoro-
 so, mas injustiçado pela falta de reconhecimento, e sobretudo
 pela "água no joelho". (.....) Desde a infância, um obsessi

vo, um superexigente consigo mesmo, em busca permanente da perfeição..... (.....) a idéia de missão, de um predestinado. (.....) o destemor, a abnegação e a capacidade de sacrifício próprio de mártir cristão." 37

Jogador excepcional e homem de grandes qualidades, chegando ao tampo da carreira ainda com dezessete anos no time campeão mundial da Suécia, Pelé passa a ser centro de atenção da imprensa nacional e internacional, aceitando o papel de cidadão modelar, mitificado dentro e fora do campo, veiculando tanto formas de comportamento adequado para os membros das camadas inferiores e para o negro brasileiro, quanto produtos industrializados no mercado publicitário. Sempre modesto, mas decisivo nas grandes partidas, "conhecendo seu lugar", aceitando a censura tacitamente exigida aos assuntos sociais e raciais da sociedade brasileira, no fim da carreira é comprado pela multinacional Warner para difundir o futebol nos Estados Unidos, considerado um produto superlativo exatamente por sua polivalência de super-craque e modelo carismático. "Prefiro continuar fora de política. Só gosto de participar de alguma coisa quando conheço intensamente o assunto. Só agora é que estou tendo um maior conhecimento do mundo. Também sobre assuntos raciais até hoje ainda não tive problemas. Se algum dia tiver, saberei reagir, pois nunca tive medo de assumir uma posição. No momento, vivo tranquilamente, sendo bem tratado por todos onde chego, sejam brancos ou negros. Tenho grandes amigos negros que também são ídolos nos esportes nos Estados Unidos e nos damos muito bem. Minha filha estuda na escola

da ONU. Excelente."38 (Pelé, o reencontro com a Seleção,...., 4/10/76).

Encerrando a carreira com grandes cerimônias esportivas, transmitidas para todo o mundo, Pelé se mantém sob contrato com a Warner ocupando um papel múltiplo não só como divulgador dos produtos da empresa, como atuando como executivo em seus investimentos, não só no campo dos esportes, como em outros ramos da indústria de divertimentos, principalmente na música e no cinema. As críticas que progressivamente passa a receber de certos setores são repelidas pelo jogador se utilizando do mesmo discurso patriótico, "apolítico" do herói esportivo apesar de sua atividade agora se circunscrever de forma mais direta com o setor econômico, porém já marcado por uma agressividade antes só revelada em campo. "Pelé também responde uma declaração do cineasta Glauber Rocha, feita nesta capital, segundo a qual era perigosa a sua incursão no cinema por ser ele um "garoto-propaganda das multi-nacionais". Pelé respondeu dando sua explicação sobre multi-nacionais. Segundo ele, há necessidade de que essas empresas operem como forma de conseguir know-how, quando está em falta. A princípio Pelé disse que não via necessidade ^{DE} responder a Glauber, mas resolveu depois e explicou: "O fato de entrar no cinema nacional como produtor ou ator, o fato de acreditar numa indústria brasileira não impede que tenha de ir buscar algo de positivo no exterior. Agora, se ele acha que isso é ruim, ele pare de falar besteiras e venha ajudar". Segundo Pelé, o fato de trabalhar para a Warner "que é uma das maiores distri-

buidoras do mundo", não influirá no seu trabalho no cinema nacional. Para ele até ajudará, "pois o grande problema do cinema brasileiro é o som. A falta de qualidade no som. E se a Warner pretende montar um estúdio de gravação aqui, só vejo benefícios", concluiu. Ainda na mesma entrevista, Pelé reafirma que o Brasil é visto no exterior como um grande país: "acabou-se aquele negócio de dizerem lá fora que Brasil é a Argentina, Buenos Aires. Estive em diversos lugares na minha última excursão com o Cosmos e todos perguntavam pelo Brasil. Até na China Comunista, onde também estive, procuraram saber do Brasil". 39

"Devido à posição dos fotógrafos e cinegrafistas, o chefe do cerimonial foi obrigado a intervir duas vezes para corrigir a posição de Pelé: a primeira, para que ele ficasse bem próximo do Presidente Geisel, e a segunda, para que não continuasse de costas para o Ministro Ney Braga, que então já iniciara seu discurso de improviso". 40 A manutenção do prestígio de Pelé mesmo depois de encerrada sua carreira, sua constante proximidade dos governantes, acrescido pela maior complexidade adquirida ^{vida} por sua vida, fora da disciplina imposta pelo profissionalismo esportivo e do casamento exemplar com D. Rose, imerso em novas atividades e ambientes, dá uma nova agressividade a suas declarações públicas, se permitindo ao lado das usuais manifestações pro institucionais revelar algumas opiniões pessoais, e às vezes a mesmo a personalizar o poder. "Ao agradecer ontem a homenagem que lhe prestava o Senado Federal, o ex-jogador Pelé, ocupando a tribuna, afirmou:

"Como sabem, todos tem conhecimento, o Presidente Geisel tem feito todo possível para amenizar o problema e o sofrimento do nosso povo. E se o povo colaborar, vamos, acredito, ter uma melhora muito rápida". "É evidente que não é fácil, é difícil" - prosseguiu Pelé. "O desenvolvimento social, que sabemos que existe, vamos procurar arrumar isso", afirmou ele, cuja presença no Senado provocou a sessão mais movimentada do ano, com o plenário e as galerias lotadas, presentes 26 senadores da ARENA e 11 do MDB". 41

Quando, entretanto, Pelé afirma que "o brasileiro não sabe votar", tentando justificar a política de nomeações de governadores e senadores pelo poder central, recebe pela primeira vez dura carga da opinião pública, jogador ultrapassara seus âmbitos de competência e é forçado a se justificar e mesmo a negar ^{SUEP/UNIC} apesar de ^A ter reafirmado ^F defensivamente no próprio Congresso Nacional. As cartas dos leitores do Jornal do Brasil criticando Pelé revelam em seus argumentos, não importando a diversidade de suas posições políticas, os limites de trânsito imposto ao jogador de futebol, a que não escapanem o melhor, o mais poderoso e mais celebrado entre eles: "Ao afirmar, publicamente que o povo brasileiro não sabe votar, o ex-atleta Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido como Pelé, perdeu uma boa oportunidade de ficar calado e não meter o nariz em assuntos para os quais não tem a mínima competência. Mais que infeliz, a sua declaração foi burra e insensata". Jafran J. Bastos, Rio de Janeiro. 42 "Se o senhor Arantes é endeusado, por certo deve ter levado uma vida herói

ca em defesa do Brasil. Por certo, quando foi disputar campeonatos mundiais de futebol, o fez amadoristicamente, tendo feito enormes sacrifícios, preterindo todos seus interesses pessoais em defesa do Brasil (.....) Sr. Pelé, um conselho: fique com o seu futebol, em qualquer setor. Política não é Aterro do Flamengo ou Maracanã." Adailton Vianna de Albuquerque - Rio de Janeiro. "Li com pesar a entrevista de Pelé. Como homem do povo, ele passou de seus limites ao falar de assunto tão importante como a política nacional. Falou como se pertencesse a uma elite, e que ali, logo abaixou. Esqueceu-se que é apenas um jogador de futebol bem sucedido em sua carreira. No momento em que o Presidente sai em busca do diálogo, ele diz ignorar o assunto, mostrando que, ele sim, está entre os que não entendem de política. Creio que Pelé devia aproveitar seu dinheiro e cursar Ciências Políticas e Sociologia. Aprenderia que seu dinheiro lhe deu status econômico-financeiro e não status social". Ariovaldo Pereira da Silva - Rio de Janeiro. "O povo brasileiro quer democracia, escolher ele próprio os seus dirigentes, e não será Pelé nenhum que vai nos dizer, após uma ausência prolongada do país, que não sabemos votar. (.....) Volte para casa (go home), pendure as chuteiras Pelé, e fique caladinho, antes que perca o resto de seus fãs com declarações bobas e inconsequentes, porque, em matéria de política você ainda está no beabá". Josué Cordeiro F. Aracruz - Rio de Janeiro 43

Se a vantagem física atribuída ao negro tem como contrapartida sua inferioridade intelectual, no caso do jogador

de futebol brasileiro essa ideologia é mascarada, as distinções e separações atribuídas a critérios culturais e não raciais, se estabelecendo uma nova contrapartida que opõe as vantagens econômicas e ao prestígio obtidos pelo craque, a permanência de sua inferioridade cultural e social. Pelé que antigamente declarava "sou ainda do tempo do the ladies first, fico no meio termo. Se a calça, por exemplo, é boca de sino, não mando fazê-la nem apertada nem boca de sino. (.....) O melhor mesmo é cada macaco no seu galho" ⁴⁴ começa a se permitir comportamentos menos conservadores, frequentando a vida noturna, saindo com muitas mulheres, frequentemente atrizes, usando roupas mais agressivas, pouco condizentes com sua antiga imagem, exigindo ou que ela seja brevemente atualizada antes que o ex-jogador se incompatibilize com a opinião pública, ou então que Pelé seja desativado do Olimpo das figuras modelares da sociedade brasileira.

Paulo Cesar, jogador que no início de sua carreira era apontado por Pelé como seu substituto no futebol brasileiro, participando de várias seleções nacionais, inclusive na Copa de 70, ^Ecedo recebendo um dos maiores salários do futebol brasileiro, começa a ser censurado pela imprensa, não por assumir posições políticas contra a estrutura da sociedade ou do futebol brasileiro, ou por discutir ^oa delicada questão do negro no Brasil, mas pelo seu comportamento social exuberante, ostentado carros e mulheres e frequentando a vida noturna como um jovem das "boas famílias". "Sou um negro que incomoda muita gente, pois sou famoso, frequento bons lugares,

Apesar disso, não vou mudar minha maneira de ser e proceder : Não vou ser um negro tímido, quieto, com medo e temor das pessoas".⁴⁵ Embora em campo continuasse se destacando, passa a ser centro de um movimento nacional de antipatia, sendo culpado pelo insucesso brasileiro na Copa na Alemanha, quando não tem boas atuações como a maior parte do time brasileiro. Apesar de sua grande forma quatro anos mais tarde é cortado da seleção que se preparava para a Copa da Argentina, sendo sua exclusão justificada publicamente não por sua forma física ou técnica mas pelo seu comportamento. A sequência dos acontecimentos leva o jogador a fazer declarações sobre fatos normalmente omitidos na vida de um jogador.

"Quando eu era garoto, fui convidado para uma festa de 15 anos, aqui no Fluminense, e me barraram na porta, me disseram que negro não podia entrar no clube. Mesmo depois que eu já era conhecido, fui barrado em clubes de Porto Alegre e de Santa Catarina. A verdade é que os brancos não admitem um negro numa posição elevada. A gente só pode ser porteiro, operário ou chofer de caminhão". "O Pelé é diferente. Ele é o bom moço, nunca teve ousadia de frequentar as boites e restaurantes da moda, nunca se vestiu de maneira mais extravagante, nunca tentou se nivelar a um branco. Só agora, nos Estados Unidos, ele tem sido visto jantando em tal lugar, dançando não sei onde. Não critico ninguém, mas ^{se} eu fosse ele, teria sido diferente. A verdade é que Pelé nunca contribuiu para afirmar a raça negra." "Eu tinha sonhos, tinha minhas revoltas. Queria ser famoso, ganhar dinheiro, mas não pensa-

va em pisar em ninguém. Olha, até os 10 anos, quando o pai Marinho me adotou, minha vida era um inferno, um abandono só. Só não virei marginal, porque meu pai, de onde estivesse olha va por mim." 46

Na época da convocação para o torneio classificat^orio para o campeonato mundial, a imprensa já especulava sobre Paulo Cesar, sempre focado seu comportamento e não sua exce^lência como jogador de futebol. Na véspera da saída da lista de convocação, o jogador é entrevistado pelo O Globo, lhe sen^{do} endereçadas as seguintes perguntas: "Há algo errado em sua vida privada, algum excesso?" "Certas atitudes suas não seriam negativas para a torcida?" Uma vez confirmada sua não-convocação, Paulo Cesar faz declarações abertas, "penso que as pessoas deveriam ter mais coragem e admitir que não re^sistem a pressões. Por que Bran^ção não abre o jogo e confessa que recebeu ordens do Ministro Ney Braga para me afastar da seleção?" 47 As necessidades de jogadores-modelares na se^lção, a interferência governamental na esfera futebolística, se revelam pelo próprio estreitamento do processo a que é sub^{metido} o jogador profissional de grande sucesso, submetido ^{acs} estímulos de comportamento e consumo da média contrapostos as responsabilidades impostas pela situação particular de membro emergente das classes inferiores exposto a extrema visibili^{da}de social.

3.3 | A medida que se constitui num caso isolado entre as possibilidades ordinárias que se oferecem para aqueles de sua classe, o craque se vê em crise com seu meio. A medida que

se vê com possibilidades de subir socialmente através de uma nova situação econômica e do prestígio adquirido, cria mecanismos de defesa contra seu grupo social e racial que inferiorizados social e economicamente passam a travar sua mobilidade ascendente na sociedade. O afastamento de sua comunidade em defesa de objetivos individualistas rompendo os vínculos de solidariedade que caracterizam o meio negro, e a reiterada fuga de se vincular a causas sociais comuns, caracterizam, via de regra, não só o jogador, mas muitos dos negros que ascendem socialmente dentro dos valores da sociedade nacional global. A medida que obtém privilégios, o jogador começa tacitamente a ser barrado em determinados espaços sociais segregados, sendo a percepção desses limites parte decisiva de seu novo aprendizado social.

UMA MANTER PELA
LULAT. COM SINDICATO

3 S4.2

* Os sindicatos e organizações de jogadores profissionais ainda estão no Brasil num estágio de formação, sujeitos ao controle paternal dos clubes e do governo. * A lei do passe, referendada pela nova lei de regulamentação da profissão de jogador de futebol, mantém o controle dos clubes sobre os jogadores ~~os mantendo numa situação jurídica particular entre o assalariado e a simples mercadoria.~~ ^{APRIMA DE MOVIMENTO UNIFORMES} Pela lei, nenhum jogador poderá ser negociado com outro clube contra a sua vontade. Por outro lado, ele não poderá escolher o clube de sua preferência, pois fica sujeito à vontade do empregador de transacioná-lo ou não. Uma vez o contrato de trabalho expirado, se o jogador não aceita as condições de um novo acordo, o clube pode mantê-lo inativo à força, ^{embora} ~~mas~~ o preço de seu passe

SOMENTE INFORMAÇÕES
MATERIA DE

passa a se desvalorizar o que facilita sua transferência. [✓]
 S-1.3 [A nova lei, apesar de significar um avanço na legislação específica quanto ao profissionalismo futebolístico, dá ao empregador direitos não encontráveis em nenhuma outra esfera do trabalho, como de concentrar os atletas antes e depois dos jogos até três dias por semana, dando foro legal à multa sobre o salário do jogador até o limite de 50%. As pos-

sibilidades de maior união da classe são obstadas pelas enormes disparidades salariais entre os jogadores, entretanto, já se observam ^{MOMENTOS} ~~nos principais centros futebolísticos~~ liderados ^{o: S.N.P.A.T.U.} por jogadores mais amadurecidos na profissão, por enquanto só congregando os jogadores contratados pelos clubes da divisão principal, [✓]

CONCLUSÃO

O futebol como expressão de um estágio do desenvolvimento da civilização ocidental moderna, introduzido no Brasil com a reorganização da sociedade brasileira vinda com a República. O jogo, inicialmente instrumento de distinção social passa a ser praticado pelos membros das classes inferiores, e principalmente pelo negro marginalizado do mercado de trabalho nacional pela Abolição. A constituição de um primeiro espaço de reencontro inter-racial através do futebol e os reajustamentos sociais propiciados e provocados por esta situação inusitada na Primeira República. O profissionalismo e o desenvolvimento do futebol brasileiro, a democratização das platéias e a destinação social unívoca dos novos jogadores, o futebol como expressão máxima da nacionalidade. O desenvolvimento paralelo de um complexo sistema em torno do jogo, os significados de afirmação social que o futebol assume para o negro e a apropriação e manipulação pela sociedade global do êxito esportivo.

B I B L I O G R A F I A

- PEDROSA, Milton. O Olho na Bola. Rio de Janeiro, Livraria Editora, 1968.
- VINNAI, Gerhard Vinnai. En Fútbol como Ideologia. Argentina Siglo Veintiuno, 1975.
- ZAMORA, Pedro. A Hora e a Vez de João Saldanha. Rio de Janeiro, Gol, 1969.
- ZAMORA, Pedro. Assim Falou Nenen Francha. Rio de Janeiro, Crítica, 1975.
- ROSENFELD, Anatol. O Futebol no Brasil. In: Argumento, Ano 1, nº 4, S. Paulo, Paz e Terra, 1974.
- ESTEVES, José. O Desporto e as Estruturas Sociais. Lisboa, Prelo, 1970.
- PEDROSA, Milton. Gol de Letra. Rio de Janeiro, Gol, 1967.
- BARBOSA, Francisco de Assis. A Vida de Lima Barreto. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- PARTISANS. Sport, Culture et Répression. Paris, Maspéro, 1976.
- NOGUEIRA, Armando. Bola na Rede. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.
- MORAIS, Pessoa de. Tradição e Transformação no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- FERNANDEZ, Maria. Futebol Fenômeno Linguístico. Rio de Janeiro, Documentário, 1974.
- FILHO, Mário. O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1947.
- COELHO NETTO, Paulo. História do Fluminense. Rio de Janeiro, F.F.C., 1952.

- RIBEIRO, Darcy. Teoria do Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- RIBEIRO DA SILVA, Athayde. Futebol e Psicologia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- CARONE, Edgard. A República Velha. Rio de Janeiro, Difel, 1977.
- CARONE, Edgard. A República Velha: Instituições e Classes Sociais. Rio de Janeiro, Difel, 1975.
- IANNI, Octávio. Raças e Classes Sociais no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- FERNANDES, Florestan. O Negro no Mundo dos Brancos. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
- CARNEIRO VIEIRA, José Paulo. Ritual Patroci: Algumas Considerações em Torno da Corrente Prafrente. In: Revista de Administração de Empresas, Vol. 12, nº 3, 1972.
- BAETA NEVES, Luiz Felipe. Sobre algumas mensagens Ideológicas do Futebol.

NOTAS

- 1 - LAWRENCE, D. H. Lady Chatterley's Lover. Los Angeles, University of California Press, 1973.
- 2 - FIGUEIREDO, Antônio. História do Futebol em S. Paulo. S. Paulo, F.P.F., 1918.
- 3 - COELHO NETO, Paulo. História do Fluminense. Rio, Fluminense F. C., 1952.
- 4 - Ibidem.
- 5 - BARRETO, Lima. Histrião ou Literato? In: Revista Contemporânea. Rio, 1919.
- 6 - FILHO, Mário. O Negro no Foot-ball Brasileiro. Rio, Irmãos Pongetti Editores, 1947.
- 7 - Idem.
- 8 - VÁRSEA, Paulo. Começo e Desenvolvimento do Futebol em São Paulo. In: 60 anos de futebol no Brasil, F.P.F. 1954.
- 9 - Ibidem.
- 10- CORREIA, Floriano Peixoto. Grandezas e Misérias do nosso Futebol. Rio, Irmãos Pongetti Editores, 1933.
- 11- FILHO, Mário. O Negro no Foot-ball Brasileiro. Rio, Irmãos Pongetti Editores, 1947.
- 12- MÁXIMO, João. Gigantes do Futebol Brasileiro. Rio, Civilização Brasileira, 1965.
- 13- FILHO, Mário. O Romance do Futebol. Rio, Irmãos Pongetti Editores, 1945.
- 14- COELHO NETO, Paulo. História do Fluminense. Rio, Flumi

- nense R.C., 1953.
- 15- P. V. L. A Arquitetura do Consenso. In: Opinião, 12/11/76.
 - 16- Ibidem.
 - 17- WERNECK, José Inácio. Campo Neutro. In: Jornal do Brasil, 6/01/79.
 - 18- FREIRE, Gilberto. Introdução. In: O Negro no Football Brasileiro. Rio, Irmãos Pongetti, 1947.
 - 19- VIEIRA, José Paulo Carneiro. Ritual Patroci: Algumas Considerações sobre a Corrente Prafrente. In: Revista de Administração de Empresas, nº 3, set. 1972.
 - 20- Ibidem.
 - 21- Ibidem.
 - 22- DA SILVA, Athayde Ribeiro. Futebol e Psicologia. Rio, Civilização Brasileira, 1964.
 - 23- SALDANHA, João. Subterrâneos do Futebol. Rio, Civilização Brasileira, 1968.
 - 24- Ibidem.
 - 25- PRAZERES, Ângelo. Cruzeiro a Empresa de Futebol. In: Opinião, 29/11/76.
 - 26- Ibidem.
 - 27- Jornal do Brasil, 5/05/78.
 - 28- Ibidem.
 - 29- Jornal do Brasil, 11/10/77.
 - 30- FILHO, Mário. Op. cit., 47.
 - 31- Brasil Esportivo, 2/07/1902.
 - 32- Correio de S. Carlos, 29/1/1904.

- 33- DO RIO, João. In: 60 anos de futebol no Brasil. S.Pau-
lo, F.P.F., 54.
- 34- ESTEVES, José. O desporto e as estruturas sociais. Lis-
boa, Prelo, 70.
- 35- GOFFMAN, Erving. Interaction ritual. Garden City, An-
chor Books, 67.
- 36- DA SILVA, Athayde Ribeiro, Op. cit.
- 37- Jornal do Brasil, 4/10/76.
- 38- Jornal do Brasil, 26/11/77.
- 39- Jornal do Brasil, 21/12/77.
- 40- Jornal do Brasil, 25/11/77.
- 41- Jornal do Brasil, 20/12/77.
- 42- Jornal do Brasil, 13/12/77.
- 43- Manchete, setembro 70.
- 44- O Globo, 2/12/76.
- 45- Jornal do Brasil, 2/01/77.
- 46- Ibidem.